



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

CARLA CAROLINE SANTOS DE SANTANA

**A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL COMO APORTE PEDAGÓGICO, UM
OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SANTO AMARO – BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

CARLA CAROLINE SANTOS DE SANTANA

**A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL COMO APORTE PEDAGÓGICO, UM
OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SANTO AMARO - BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para a obtenção do Título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S223u

Santana, Carla Caroline Santos de.

A utilização da história local como aporte pedagógico, um olhar sobre a prática docente em Santo Amaro - Bahia / Carla Caroline Santos de Santana. - 2021.

98 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

1. História - Estudo e ensino - Santo Amaro (BA). 2. Professores de História - Santo Amaro (BA). 3. Santo Amaro - História local. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 370.73308142

CARLA CAROLINE SANTOS DE SANTANA

**A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL COMO APORTE PEDAGÓGICO, UM
OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM SANTO AMARO - BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para a obtenção do título de Licenciada em História.

Data de aprovação: 13/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Igor Fônseca de Oliveira (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Clícea Maria Augusto de Miranda (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

“Ela se encontra dobrando a esquina descendo a rua. Ela pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”

(Raphael Samuel)

AGRADECIMENTOS

Gratidão é um exercício diário, nela encontro um relicário para acender a chama da vida. Há quem diga que sem ela não temos esperança, resinifico ela nas andanças, na caminha escolhida.

Agradecer a quem encontramos nos caminhos, alguns serão ninho afago para alma, turbulência ou calma.

Gratidão aos que desacreditaram, da minha vitória duvidaram, pois sem saber me impulsionaram a superação.

Gratidão ao divino pai eterno, meu equilíbrio e alicerce que em meio a muitas preces sempre de mim cuidou

Gratidão a natureza seres de divina beleza infinita, pois são eles que me curam, me cuidam e protegem.

Gratidão a meus ancestrais pelas lutas sem as quais não chegaria até aqui.

Gratidão aos meus pais, sem os quais eu nem existiria, pelas cobranças nos estudos, pelos esporros e cascudos e esperaram sem o melhor de mim.

Gratidão aos meus filhos, que foram plantados no meu caminho, sem os quais não sei viver, espero que perdoem as minhas ausências, pois pela sede de viver por mim e por nós tive que escolher.

Gratidão ao meu companheiro, por escolha e por amor, que compreendeu algumas das minhas ausências e a meus filhos amparou.

Gratidão a Maria, minha orientadora, pela paciência e direção nos momentos mais difíceis que estive a compreender me lembrando que sou capaz e que nada seria fácil, na caminhada da mulher preta, intelectual, mãe e muito mais, gratidão por ser inspiração na jornada educacional.

Gratidão aos meus professores de história, que na minha trajetória sempre conseguiram me desestabilizar, sim desestabilizar, graças a suas diferenças em alguns quis me espelhar e outros me serviram para mudar a trajetória da vida, das escolhas no ensino.

Gratidão aos meus erros, sem os quais não tentaria exercitar a ação de sempre querer acertar.

Gratidão pela chega até aqui, mais lembrando que aqui será um novo ponto de partida para o que há de vir. Gratidão aos docentes, pois sem vocês não seria possível esta pesquisa. (Carla Caroline Santos de Santana.)

RESUMO

O presente trabalho está relacionado ao estudo da história local como aporte pedagógico, um olhar sobre a prática docente na cidade de Santo Amaro-Bahia, Tendo como objetivo compreender como se dá a relação dos docentes licenciados em História com a abordagem da história local em sala buscando desenvolver uma aprendizagem significativa que potencialize a identidade do estudante. A história local se mostra como marco inicial para compreensão e reflexão acerca das dinâmicas sociais as quais os indivíduos estão inseridos, neste caso docente, discente. Esta pesquisa, de base qualitativa, se desenvolveu de acordo a análise de dados obtidos através de entrevistas que levaram a compreender a realidade em diálogo com os textos teóricos e metodológicos, além dos marcos curriculares: LDB, PCNs e BNCC. Pode-se concluir que a relação docente com a história local acontece de forma significativa, onde é necessário um olhar a construção de um currículo municipal que atenda às necessidades locais.

Palavras-chave: História - Estudo e ensino - Santo Amaro (BA). Professores de História - Santo Amaro (BA). Santo Amaro - História local.

ABSTRACT

The present work is related to the study of local history as a pedagogical contribution, a look at teaching practice in the city of Santo Amaro-Bahia. Seeking to develop meaningful learning that enhances the student's identity. Local history is shown as an initial framework for understanding and reflecting on the social dynamics to which individuals are inserted, in this case, teacher, and student. This qualitative research was carried out according to the analysis of data obtained through interviews that led to an understanding of reality in dialogue with theoretical and methodological texts, in addition to the regulatory frameworks: LDB, PCNs and BNCC. It can be concluded that the teaching relationship with local history happens in a significant way, where it is necessary to look at the construction of a municipal curriculum that meets local needs.

Key words: History - Study and teaching - Santo Amaro (BA). History teachers - Santo Amaro (BA). Santo Amaro - Local history.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	APORTES TEÓRICOS SOBRE A HISTÓRIA LOCAL	14
2.1	O COTIDIANO E O LOCAL	17
2.2	HISTÓRIA LOCAL, A DOCÊNCIA E A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA	19
2.3	A MEMÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL	21
3	A HISTÓRIA LOCAL NOS MARCOS CURRICULARES	24
3.1	A HISTÓRIA LOCAL NA LDB	26
3.2	A HISTÓRIA LOCAL NOS PCN'S	28
3.3	A HISTÓRIA LOCAL NA BNCC	30
3.4	A HISTÓRIA LOCAL NO REFERENCIAL CURRICULAR DA BAHIA	33
4	O LOCAL A PARTIR DA VISÃO DOCENTE	36
4.1	CONVÍVIOS COM A HISTÓRIA LOCAL	37
4.2	APORTES PEDAGÓGICOS DA HISTÓRIA LOCAL NAS AULAS DE HISTÓRIA DE SANTO AMARO	38
4.3	FONTES, PATRIMÔNIOS E O LIVRO DIDÁTICO	40
4.4	PENSANDO AS FONTES COMO ELEMENTOS DE COMPREENSÃO LOCAL	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE	56

1 INTRODUÇÃO

O ensino de história local se mostra como marco inicial para a aprendizagem histórica, pois possibilita o trabalho com a realidade diária nas relações sociais que se estabelecem entre docente e o educando, entre a sociedade e o cotidiano, entre o individual e o coletivo. Em seu processo de ensino aprendizagem perpassa pela criticidade da realidade local, e de referência às identidades dos sujeitos e de seus grupos entre o micro e o macro, entre a abordagem histórica global e local.

A utilização da História Local como aporte pedagógico, um olhar sobre a prática docente em Santo Amaro - BA busca compreender a problemática, como a história local pode ser entendida como uma ferramenta didática pedagógica no ensino de história e formação e valorização da identidade do indivíduo ou como os docentes licenciados na área a utilizam como ferramenta pedagógica tornando o ensino da história mais significativo.

Algumas hipóteses circularam o estudo, desde pensar a ausência de atividades didático pedagógicas no ensino de história local assim como a falta de um plano de ensino que contemple e valorize a história estabelecendo distâncias entre a história local e global. Temos a problemática de uma pedagogia histórica de eventos que utiliza de forma pontual, eventual a história local ou até mesmo a diferença na produção de materiais didáticos pedagógicos, para além da busca de estratégias que reverberam a aprendizagem local para global. A acomodação didática resulta na segregação da prática educacional do ensino para que se resulte em estratégias de aprendizagem no cenário educacional do município.

Esse estudo visa compreender como se dá a relação dos docentes licenciados em história com abordagem da história local como aporte pedagógico buscando desenvolver a aprendizagem significativa, identificando quais elementos são utilizados metodologicamente na configuração abordagem da história local, analisando as práticas e estruturadas pelos docentes em relação à abordagem da história local.

A pesquisa teve início nos estágios supervisionados, onde tornar a história mais significativa e próxima era um grande desafio, além de gerar uma grande inquietude sobre as práticas docentes e o alcance da mesma na utilização da história local, como aporte pedagógico e se seria capaz de reverberar na aprendizagem significativa, como também na consciência histórica e na formação de uma identidade local.

O primeiro capítulo gira em torno de fundamentação teórica que traz consigo a validação das ideias e estudos, questionados e discutidos no percurso da atividade pesquisadora.

Dificuldades foram se estendendo diante do processo de pesquisa, e muitas vezes pensei em desistir, a ausência direta de recurso material como computador, sendo muitas vezes desenvolvidas via celular, cadernos e anotações, foram diversas leituras de artigos, pesquisas com a temática, a própria pandemia que dificultou o contato com os docentes, que dentro do calendário organizado estaria iniciando o acompanhamento presencial dos mesmos, que traria maior benefício a pesquisa.

A reflexão sobre a utilização da história local como aporte pedagógico parte do princípio de tornar a história mais próxima dos indivíduos partindo do conhecimento da realidade mais próxima expandindo para a macro história possibilitando a construção de uma consciência histórica. Uma vez que refletir e entender sua realidade amplia as possibilidades de compreender outras realidades até mesmo quando se apresenta através do processo educativo pedagógico a história local como metodologia ou estratégia de aprendizagem. A História Local como Aporte Pedagógico um olhar sobre a prática docente na cidade de Santo Amaro, é uma análise sobre a prática, conhecimento e a utilização da história local por docentes que atuam como professores de história nas escolas públicas e particulares dentro do município de Santo Amaro.

A escolha do docente justifica-se por este ser o ator principal (elo, condutor, facilitador, interlocutor) de conhecimentos, sendo capaz de transformar e ressignificar as informações, contextualizá-las para que se tornem conhecimentos palpáveis dentro da sala de aula.

O segundo capítulo caracteriza-se como a apresentação dos marcos regulatórios que dão subsídios legais, formado por Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB), PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em cada um deles encontramos inspirações capazes de subsidiar a história local no contexto escolar, desde embasamento que permitem tanto ao docente quanto ao discente se inserir no contexto. No que tange a aprendizagem, a mesma pode ser entendida como estratégia, possibilitando uma ampliação de conhecimentos de realidades plurais, nesta perspectiva a BNCC, no que tange o ensino de História apresenta cinco etapas na de conhecimento para o educando na qual identificação, comparação, contextualização, análise e interpretação reforçando o pensamento crítico através do estímulo que o docente propiciará, assim como a diversidade de fontes e metodologias.

O terceiro capítulo é composto pelas apresentações dados da pesquisa desenvolvida frente aos docentes. O método escolhido para execução do trabalho, tratamento das informações é o método qualitativo, também conhecido como abordagem qualitativa que de acordo com

Godoy (1995) é voltada a compreensão do que é o fenômeno estudado e a perspectiva do sujeito da pesquisa. De acordo com a autora, a pesquisa de campo também pode ser considerada parte do método qualitativo utilizado por outros profissionais de diversas áreas.

Para a captação das entrevistas foi elaborado um questionário que permitiria conhecer as concepções, vivências históricas locais dos docentes. A angústia foi circulando no decorrer da pesquisa, pois a situação de pandemia acabou intervindo diretamente nos planos, estar presencialmente, marco que não impossibilitou de ser realizado. Houveram algumas negações, motivos não foram explicitados, mas é natural no processo que algumas pessoas se sentissem invadidas, os que dispuseram receberam impressos e a outros por e-mail, pois a demanda, carga horária de trabalho se estabeleceu como uma dificuldade inicial.

Entretanto foi possível compreender as dinâmicas docentes ao ponto que suas práticas em sala de aula foram narradas por suas próprias percepções

A história local apresenta-se como a história dos cotidianos ou aquela que reaviva através das memórias particulares e coletivas, onde os saberes cotidianos se ressignificam ao passo que transitam entre a escola e outros espaços sociais constituindo o saber histórico. A história local como relata Oriá, está em todos os cantos, nas esquinas, nas ruas, nas pedras que formam a calçada, nas canções que unem as pessoas, nas fotografias que rememoram as lembranças passadas e presentes, no sabor dos alimentos e nos cheiros que nos levam a algum lugar ou a alguém.

“O local é uma janela para o mundo”

(FONSECA, 2013, p.244)

2 APORTES TEÓRICOS SOBRE A HISTÓRIA LOCAL

A reflexão sobre a utilização da história local como aporte pedagógico parte do princípio de tornar a história mais próxima dos indivíduos, oportunizando o conhecimento da realidade local, expandindo para a macro história e possibilitando a construção de uma consciência histórica. Para compreender o panorama local e suas ligações no campo da história e da educação, algumas reflexões necessitam ser feitas, assim como a ligação entre cotidiano, memória, ensino aprendizagem da História Local e sujeitos, aqui, docentes e alunos.

Para início desse diálogo, conhecer alguns estudos, suas colaborações com o campo ensino-aprendizagem da história local torna-se primordial, incluindo a definição do que seria local na história; como cada um se apossa desse local; e a compreensão do ponto de vista de professores-pesquisadores de suas práticas, que buscam trazer o local como um recurso para se pensar e transformar a realidade.

Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um county inglês, um contado italiano, uma Land alemã, uma bailiwick ou pays francês). Praticada há tempos atrás com cuidado, zelo, e até orgulho, a história local foi mais tarde desprezada — principalmente nos séculos XIX e primeira metade do XX — pelos partidários da história geral. A partir, porém, da metade desse século, a história local ressurgiu e adquiriu novo significado; na verdade, alguns chegam a afirmar que somente a história local pode ser autêntica e fundamentada. GOUBERT (1992, P.70) *apud* BITTENCOURT, (2012 p.02)

Ao longo da história vimos o “lugar” o local fragmentado em suas potencialidades considerado ínfimo como objeto de estudo, de cultura de conhecimento e aprendizagem. A potencialidade da história local alcançou espaços de transformação educacional, trazendo novas referências e práticas ao ensino da história.

Samuel Raphael em *História Local e História Oral*, traz para a história local a ideia de que a “A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado” (p.220). Sim, a história local necessita de um olhar diferenciado, já que ela está nos recortes, nas particularidades daquele espaço e tempo que se destinou a compreender, dialogar.

Mas seria a história local apenas preocupada com o passado? E o presente em sua formação? Onde a história local se encontra, quando pensamos no impacto da pandemia nas cidades do Nordeste, neste caso, Santo Amaro? Quais os impactos gerados na educação e na escolarização local? São tantas as possibilidades para o local, que recorreremos às memórias.

BARROS (2007), atribui à história local a responsabilidade de se constituir e interferir diretamente na vida dos sujeitos que formam a sociedade (p.15), ao ponto que Oría (1995) enfatiza a necessidade da compreensão social através da história local a partir de suas peculiaridades e inferências sobre meio. GOUBERT (1992) compreende a história local como “aquela [que] diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local), ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum” (P.70). Já BARROS (2007), afirma que “local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. ”

Os autores expõem que necessitamos da delimitação de um espaço para considerar o local como ponto de partida para a história local, entretanto é neste aspecto que as identidades sociais vão sendo forjadas. Assim devemos considerar a história local como “uma modalidade de estudos históricos que contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver” (p.15). Bittencourt (2009) traça um paralelo entre a memória e o local: “a questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local” (p.169). Berutti e Marques (2009) trazem as memórias individuais e coletivas que corroboram por “construir a identidade das pessoas que moram nessas localidades” (p.67), evocando “lugares de memória” e de pertencimento que são fundamentais para a história local.

Um dos problemas das leituras superficiais relacionada a compreensão histórica é bem exemplificada por Bittencourt, quando aborda a memória como elemento de compreensão do local, e que “é pela memória que se chega a história” (p.169), mas a memória não representa a totalidade, nem tão pouco se constituirá em um elemento principal, será um elemento norteador. Quando relacionamos memória e história local, não caímos na ideia de que encontraremos um local pronto, como exemplifica: “a história local estará lá pronta para ser descoberta” (p.169). Que será só acessar uma memória pessoal ou social que a mesma se configurará em um retrato total do local. Lembremos que há memórias e o conjunto destas memórias que transitamos, nos debruçamos com base na intencionalidade e concepção para buscar respostas e estas respostas muitas vezes se configuraram em reflexões e conceitos diferentes do que seja esse local.

A história parte do ponto de vista ou identificação pessoal do pesquisador, que reverbera em recortes particulares das múltiplas histórias, não conseguindo abraçar o todo ao

seu entorno. Dessa forma não esperemos que a história local consiga a proeza de preencher as lacunas geradas pela movimentação histórico social, ou que criemos uma unidade que representaria esse todo, negando suas especificidades e as complexidades. Contudo, Ciampi (2007) acredita que devemos compreender a história local para além das representações que limita a uma só representação social, que se tem dela, como se fosse um retrato fidedigno dela mesmo, como se não existisse uma diversidade de histórias. Sendo que existem histórias, contadas e vivenciadas em um mesmo espaço, que requer um olhar menos limitante, tão pouco o local é a representação do espaço nacional, por sofrer constantes intervenções. Nem o local nem o nacional são retratos fiéis do que representam a história de uma sociedade tão diversa; o que vemos são recortes temporais, sociais e culturais que marcam aquele momento que muitas vezes vão ter um destaque ou não.

A história local, ela é percebida também, segundo JENKINS (2005), como uma tendência das novas abordagens historiográficas que quer dar conta de uma sociedade, de um grupo, de um universo, de uma região, de um território porque não cabe contar a história a partir de uma única narrativa dos acontecimentos para todo o universo, de culturas e sociedades históricas é lógico que ficaria uma “história incompleta” no sentido de que não evidencia as múltiplas experiências (p.31). Essas experiências estão ligadas às diversas identidades sociais que compõem o nosso país, em uma região temos a possibilidade de identificar múltiplas identidades sociais e culturais que dão origem ao local e assim acabam por ser um instrumento para o ensino aprendizagem no que diz respeito ao ensino de história, assim como nos faz refletir a opção de ampliar ou diminuir as desigualdades, por meio da história local podemos apresentar o local como parte integrante a qual faz a história acontecer e tem impacto social significativo.

Fonseca (2009) aponta: "a educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. ” (p.127) essa mesma premissa corrobora com Samuel (1990) que aponta que a história local está em todos os espaços (p.15). Espaços estes em que produção de saberes se ampliam, ao passo que compreendemos que a delimitação de espaço de conhecimento é ilimitada. Por exemplo, no caso da cidade de Santo Amaro, o ambiente Solar Conde de Subaé, conhecido como Casa do Samba, no presente, é o centro de referência do samba de roda, refúgio do patrimônio material e imaterial, fonte de conhecimento e representatividade social para a História Local, elemento necessário para uma construção e reconhecimento de identidades, espaço de aprendizagens e de múltiplas vivências.

A partir da realidade local busca-se entender que um dos requisitos utilizados para se compreender a história local parte da consciência de que não vivemos fatos isolados na história, não somos como ilhas, como discutido por diversos pensadores na sociedade. Todos os dias produzimos interações sociais que permitem mudanças e reflexões constantes destas práticas, como atitudes, comportamentos que serão assimilados ou não. Nortecendo o historiador que será o principal responsável por tornar o fato conhecido.

2.1 O COTIDIANO E O LOCAL

A história local é de origem problematizadora. O historiador faz o recorte de determinado período de tempo e tema que o chame atenção e inquiete. Ela necessita de um embasamento oferecido pelas correntes e servindo-se de metodologias cria hipóteses para que se chegue a uma conclusão. Destaco que para se produzir algo para o local devemos dar ênfase a exploração das mais variadas fontes de pesquisa, vislumbrando elas como base enriquecedora que possibilitará ampliação dos olhares para a história local

A inquietude assim como o veio investigativo é companheira do pesquisador ou do docente no quesito história local. Não dando para ser passivo, levando-nos a refletir e entender a partir de sua realidade, ampliamos as possibilidades de compreensão de outras realidades. Até mesmo quando se apresentam através do processo educativo pedagógico, a história local como metodologia ou estratégia de aprendizagem é apontada pelos PCNs como capaz de levar ao desenvolvimento do raciocínio crítico, pois atua como suporte docente através da promoção de meios que levem aprendizado. Essas metodologias podem ser no intuito de promoção de situações que, por conseguinte, ampliem as experiências oportunizando ações pedagógicas em que se aprende sobre o lugar em que vive, sobre a própria sociedade de forma direta em contextos sociais e espaços particulares.

Não há como falar em história local e cotidiano sem dialogar com Bittencourt (2009). Seu olhar sobre o cotidiano e o local recai sobre a ressignificação da vivência escolar, das histórias contadas que envolvem sujeitos comuns que se movimentam no passo de suas ações transformarem a sociedade. Isso envolve uma relação em que o docente precisa possuir uma consciência da diversidade que têm em mãos, exigindo dele uma postura diferenciada para lidar com o cotidiano. No qual Bittencourt (2009, p.168) reafirma: “o cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta

e permeada por alienação”. Assim, está na mão do docente os mecanismos que desmistificam a ideia de que os indivíduos comuns como os próprios alunos e seus familiares não façam parte da história, não a modifique ou interfiram direta ou indiretamente que se dá de maneira muito particular, subjetiva, em contextos bastante específicos.

Trago a história local propondo uma analogia com as rosas, suas estruturas, suas cores, pois cada uma tem um perfume particular, mas que são singulares. Assim são as histórias. Assim vejo a história local, aparente nas calçadas, nos paralelos que compõem algumas ruas, nos detalhes das obras de artes que marcam as fachadas das casas, nos registros que marcam o nascimento daquela pessoa, nas fotografias que ao longo do tempo registram a mudança fisionômica e com ela histórias entrelaçadas, nas canções, nas cores que acompanham as estações, nos condimentos, ingredientes nos cheiros que são tão típicos daquele lugar. Essa história local está munida de tantas outras coisas que acompanham a vida particular e assim impactam em toda a sociedade. Diante disso o Neves (1997, p.7) afirma que “a construção do conhecimento a partir da vivência, portanto, do local e do presente, é a melhor forma de superar a falsa dicotomia entre a produção e a transmissão, entre pesquisa e o ensino/divulgação, enfim, entre o saber e o fazer. ”

A relação entre o cotidiano e o presente é uma das formas de pensarmos a constituição da história local como objeto de conhecimento. O ensino a partir do local, torna a história mais palpável, mais significativa. Por exemplo, ao propor uma atividade memorial, podemos perceber o imenso potencial relacionado à história dos envolvidos. Para Bittencourt (2009) “A introdução da história do cotidiano como objeto de estudo escolar requer do cotidiano, sem se limitar a constatar o “real” (p.168) Espera-se que se compreenda as subjetividades presentes no cotidiano, que vão além do que está exposto. Essa postura frente ao cotidiano é fruto da não limitação das potencialidades sociais promovidas pelo local e pelo cotidiano. Na proposição de atividades relacionadas à história pessoal, o educando encontra imbricado na sua história, registros fotográficos gestacionais, as fotos que são tiradas ainda em salas de parto, o caminho percorrido até a chegada em casa, o modelo do carro, o ano foi produzido. Na execução ou composição percebemos a história local diretamente entrelaçada à vida do indivíduo, pois as ações são parte integrante do cotidiano e pôr fim do local.

Os fragmentos das nossas histórias particulares constitui o que somos, assim não é diferente na do educando, que vê fragmentos da sua história presentes na sua memória emocional e visual, contadas através das fotografias que traçam uma linha do tempo, sob seu olhar e das pessoas que o cercam, nas mudanças econômicas que vivencia cotidianamente, e

que está presente no aumento ou decréscimo do valor do pão que chega ou não na sua mesa, no combustível que faz movimentar os veículos e impacta a sua mobilidade, nos objetos que tornam acessível ou não, nas decisões políticas que o fará ter acesso ou não a educação de qualidade, no movimento das lutas ou das redes sociais que poderá levá-lo ou não a se encaixar no padrão. São tantas as problemáticas que a história da vida e pôr fim a história local está atrelada.

Podemos pensar Neves (1997) ao ponto de reforçar a necessidade de se construir conhecimento contextualizado a partir das experiências pessoais de cada indivíduo, seja no ambiente escolar ou não, de levarmos em conta suas experiências, a exemplo do samba de roda, se conhece a música e seus versos, se sabe sambar ou não, se consegue ao menos perceber suas variações, estes saberes estão vinculados a nossa vivência de forma direta ou indireta. Em meio a essas circunstâncias podemos traçar paralelos com o objetivo de encurtar o distanciamento entre os saberes e as histórias, estando elas oficializadas ou não.

Assim, é necessário pensar em um ambiente educacional que propicie condições aos docentes para que os mesmos possam desenvolver estratégias metodológicas no que tange prática de incorporação de conteúdos históricos locais em seus componentes curriculares, no seu cotidiano escolar, atrelado às realidades diversas que ele está inserido. Pensando na realidade santoamarense, uma das possibilidades está em problematizar o nome das ruas, avenidas como uma forma de repensar até mesmo questionar as figuras e suas supostas contribuições locais. Qual o potencial que levou àquela homenagem?

No movimento em que a sociedade vai encaminhando as escolhas teóricas, didáticas e metodológicas tem a opção de ampliar ou diminuir as desigualdades que foram se estabelecendo, seja no campo dos recursos materiais ou mesmo na posição docente

2.2 HISTÓRIA LOCAL, A DOCÊNCIA E A APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

A História Local traz consigo um olhar para a diversidade. A abordagem deste viés da história possibilita se apropriar de conhecimentos e reflexões para a prática docente. A história local como instrumento de estudo ou objeto de reflexão histórica é imprescindível para a prática de ensino ao ponto que torna mais próximo o que está ali, desde uma citação que fora dita em um discurso público, em um verso do poema construído sobre a cidade, sobre a história de quem está interagindo naquele momento. Vislumbro a história local como a história primária, pois é dela que surge o ponto de partida do que será problematizado, que ganhará repercussão,

notoriedade, mas tantas vezes a proporção é tão grande que o local acaba sendo um pequeno ponto esquecido. É a escolha que faz a diferença na história local, é a escolha do historiador é a escolha do professor historiador, do pesquisador e neste sentido vemos Schmidt e Cainelli (2010) se posicionarem:

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, este trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica (p.140).

O conhecimento e instrumentalização docente torna-se inevitável por tamanha responsabilidade em construir uma ponte ou um elo entre o saber científico e os saberes cotidianos de forma que torne significativa aprendizagem, tanto a docente quanto discente. Fonseca (2006), afirma que “a história deixa de ser única e homogênea, deixa de privilegiar as vozes dominantes a favor da multiplicidade de outras vozes e sujeitos históricos que construíram e constroem a história local” (P.134). A opção de história local traz para a visibilidade sujeitos, momentos, sabores dentre outras circunstâncias que ficaram nas entrelinhas que não foram dadas tanta atenção naquele momento, mas que sempre estiveram lá. Vivenciado por alguém ou por alguns, é nessa posição que o docente se apega.

No processo de escolarização educadores e educandos se encontram, entrelaçam suas histórias, experiências que se constituem em conhecimentos, aprendizados que ficam explícitos nas trocas culturais que resultam de processos complexos deste envolvimento. É preciso destacar a importância das fontes orais e escritas, dos monumentos históricos, de músicas, de representações culturais nos planejamentos, cada um com sua especificidade abrange a memória e por fim são instrumentos de exploração da história local.

As dinâmicas sociais põem em primeiro plano as histórias baseadas em outros marcadores sociais cujas memórias ganham notoriedade por serem julgados mais relevantes, que vêm de um processo de construção e representação da ciência histórica, de narrativas que salientam aspectos dominantes, nessa perspectiva a história local no cotidiano escolar está baseada em propor ferramentas de que possibilitem o aluno ao aprimoramento do pensamento crítico, reflexivo, ativo, protagonizando socialmente uma atitude histórica menos submissa.

Identifico que no processo de construção de uma identidade local, percebemos que a história local se constrói através da problematização dos marcadores sociais que envolvem as

diferenças identitárias, de estrutura, classe, gênero, raça e também de um comportamento docente politizado que se sobreponham aos elementos que reforçam as histórias construídas através de interesses pessoais. Quando se aborda a questão interesse pessoal, devemos ter um cuidado, uma vez que as narrativas históricas surgem a partir de interesses pessoais que se tornam coletivos, nisso a ênfase está em problematizar a exclusão através da valoração das histórias de alguns indivíduos. O nosso ensino de história ainda é de base positivista, ao qual deu subsídios a formação da história ensinada nas escolas:

Reconstituição do passado da nação por intermédio de grandes personagens serviu como fundamento para a *História Escolar*, privilegiando-se estudos das ações políticas, militares e das guerras, e a forma natural de apresentar a *história da nação* era por intermédio de uma *narrativa (conteúdos históricos: como ensinar? p.141, 2009)*

Essa representação histórica demonstrada na citação acima serviu de gancho para a manutenção de uma história carregada de informações, decorativas e não questionáveis, para a manutenção de uma história pouco prazerosa que não incentiva o gosto por si, vemos constantemente em discursos de alunos o não gosto da história por se mostrar enfadonha, distante, apática. E na verdade recai também pela escolha didático metodológico, mas também pela construção de uma identidade distante, sem pretensão de transformação e criticidade dos fatos. Ao ponto que a possibilidade da história local vem recebendo uma estrutura de apoio ela ressignifica a ciência histórica, a própria historiografia se transforma a própria didática ganha elementos de transformação.

2.3 A MEMÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL

Com base nestes autores é perceptível que a memória ao longo estudo se torna indispensável à medida que permite repensá-la como elemento de manutenção das histórias individuais e coletivas, que carregam particularidades e é nestas particularidades que podemos pensar o conceito de sujeito histórico. “O sujeito histórico, nesse contexto, deve ser compreendido como agente social, identificado com grupos, dos quais os indivíduos fazem parte e, muitas vezes representam” (BERGAMIN NEVES 2012. p 45). Mas penso que essa memória atrelada aos sujeitos históricos com seus “lugares de memórias” expressos em olhares diferenciados onde cabe saberes, fontes históricas, patrimônios, oralidade, documentos escritos tão singulares que nos aproximam da história local.

A memória contém elementos calcados nas experiências dos sujeitos, nas cantigas preferidas, nas brincadeiras, na utilização das redes sociais as quais tudo isso acompanha o ritmo o qual a sociedade se movimenta. “A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, é pela memória que se chega à história local” (Bittencourt. 2009 p.169). A memória é cara no estudo local por meio dela que diversos aspectos sociais tornam-se objeto de vivência, entendimento, problematização e estudo Para Alison Paim e Vanessa Picolli:

O ensino da história local trata das especificidades das localidades, têm uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais. (PAIM e PICOLLI, 2007, p. 114).

Nas nuances do ensino de história, o docente conta com diversas fontes capazes de instrumentalizar o seu trabalho com a história local, o estudo da memória, da oralidade para além dos livros. Para Circe Bittencourt (2004, pág.168), “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”. Lembremos daquela aula em que se trabalhou o conceito de memória, o docente trouxe sua perspectiva baseada nos estudos historiográficos, e abordou os conhecimentos prévios de cada indivíduo ali presente, tanto o docente quanto os discentes foram tocados por algo que lhe marcará e daí a um tempo a lembrança daquele momento constituirá a sua memória, são essas memórias que movimentam a história e mais ainda se trouxera também.

Estudiosos como Michael Pollak e Jacques Le Goff (1994) ressaltam a importância da memória no trabalho com a história local, a partir do momento que a memória nos permite experienciar, lembrar, contrapor, essa memória como instrumento, libertador carregada e uma identidade individual e coletiva. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo” (POLLAK, 1992 p.204) Embarcamos nestas memórias com o auxílio de recortes que fazemos na linha do tempo de nossas vidas e de pessoas que por elas passam, de experiências, lugares, cheiros, sabores.

A segregação social é um fator extenso e complexo, mas a educação e a escolarização estão imbricadas, possuindo elementos de resignificação e transformação. No ensino de história um dos maiores cuidados da história local é não contradizer-se em si, reproduzindo historicamente memórias e histórias de privilégio social principalmente no cotidiano da sala de aula.

A memória é seletiva, porém está nesta seletividade a grande problemática no cotidiano escolar, que recortes estão sendo feitos desta história, o que se pretende alcançar, que

apropriação e que produção historiográfica está sendo constituída na curricularização, uma vez que a sala de aula é o laboratório docente, memórias se constituiria como lugar (elemento) de aprendizagem. O local evoca um conjunto de saberes a serem aprendidos, ressignificados, muitas vezes ligados a memórias individuais e coletivas estabelecidas com seu passado se constituindo em identidades. A memória no que tange ao local traz consigo uma intencionalidade estabelecida de acordo com a finalidade. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual e coletiva” (LE GOFF, 1994).

Além da memória há uma relevância entre a história local e oralidade na tentativa de romper a sistematização através de vivências que evidenciam as experiências pessoais, legitimando através de propostas que visam discutir ou evidenciar as múltiplas experiências daqueles que não foram considerados socialmente.

3 A HISTÓRIA LOCAL NOS MARCOS CURRICULARES

Os marcos regulatórios, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dão subsídios legais à possibilidade do ensino de história local. Em cada um deles encontramos orientações capazes de subsidiar a história local no contexto escolar, com embasamentos que permitem tanto ao docente quanto ao discente se inserir no contexto.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, através da Lei 9394/96 aponta caminhos para a educação, reiterando os pontos fundamentais, princípios e fins da educação nacional. O ponto principal que podemos destacar para este estudo, parte das Leis 10.639/03 e a 11645/08, nos artigos 22 e 26-A onde há a possibilidade de partirmos da realidade local e as múltiplas identidades étnico-raciais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser contemplada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por mais diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (LDB, artigo 26)

A LDB deixa evidente que a oportunidade e democratização do ensino é essencial para atingir as múltiplas identidades sociais e culturais, que a esfera educacional junto a escolarização proporciona. No que tange a aprendizagem, a mesma pode ser entendida como estratégia, possibilitando uma ampliação de conhecimentos de realidades plurais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental apresentam essa perspectiva sobre a história local: “a preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia” (pág.40).

A necessidade nacional de ter uma educação em consonância, abriu portas para o desenvolvimento de instrumentos que direcionam a educação, com base nesse contexto foram criados suportes ou marcos regulatórios, dentre eles destaque o principal que norteará os demais que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, seguido pela Base Nacional Comum Curricular e não menos importante os Parâmetros Nacionais Curriculares, PCNs.

Tais instrumentos serão aqui utilizados para pensar como é possível a história Local está presente no seio educacional, subsidiando o trabalho docente e o contexto de aprendizagem discente.

A princípio vamos compreender de que forma Lei de Diretrizes da Educação Nacional que através de suas leis, irá apontar caminhos para a educação, um destes caminhos está presente no desenvolvimento da Lei 10639/96 que abrirá espaço para discussões de princípio norteadores para se pensar em uma educação mais plural e diversa, através da criação desta lei outras se estabeleceram atendendo aos princípios de igualdade e diversidade, as leis 10639/03 e a 11645/08 se configuraram no cenário nacional como uma possibilidade de conhecimento das múltiplas identidades nacionais.

A diversificação do currículo apontada pela LDB, amplia o sentido de democratização do ensino, pois abre portas para o conhecimento e valorização do contexto em que docentes e discentes estão inseridos na perspectiva de que a escolarização no processo de ensino aprendizagem crie mecanismos capaz de “aperfeiçoar a sua noção de pertencimento, identificação e diferenciação com grupos maiores classificados por meios de conceitos como classes sociais, etnias, gêneros, culturas, nacionalidades, etc.”(LDB.p.29) gerando a noção de pertencimento a ambos.

A noção de aprendizagem varia de acordo com o contexto, podendo ela sofrer variações diante dos mecanismos didáticos metodológicos, mas se atende aos princípios presentes na LDB, BNC e PCNs, da oportunização de um conhecimento mais plural.

Questões como as apontadas pela BNCC, como as cinco etapas de apropriação dos objetos para o conhecimento histórico e o desenvolvimento do pensamento histórico, atende o princípio da “autonomia do pensamento” e do reconhecimento de outras formas de viver e atuar na sociedade, independentemente do tempo e espaço, esse pensamento é gerado através do estímulo pela “percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania” (BNCC, p.400,401)

Os PCN's demonstram através de sua estrutura uma aproximação do discente com a realidade com o objetivo de levá-los a intervir no meio que estão inseridos de forma reflexiva e ativa. A consonância das legislações educacionais proporciona que a dinâmica educacional se resinifique de acordo ao público e a realidade se concretizando para atingir os anseios através da instrumentalização.

3.1 A HISTÓRIA LOCAL NA LDB

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB, determina como se articulam os conteúdos, as competências, através da Lei 9394/96 aponta caminhos para a educação, reiterando os pontos fundamentais, princípios e fins da educação nacional permitindo que se articule as três matrizes. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB encontramos a presença de uma base comum que se amplia ao país, “exigida pelas características regionais locais” (artigo 26).

Os aspectos que contribuem para inserção da história local e regional relacionados às três matrizes, Africanas, Europeias e Indígenas, sendo que ainda em 1996 a discussão eurocêntrica branca predominava de forma mais intensa, a regulamentação e a discussão das matrizes africanas e indígenas ganharam uma notoriedade maior posteriormente, chegando ao ano de 2003. Com a alteração provocada pela Lei 10.639/2003 na LDB, traz uma evidência maior a educação básica das histórias dos povos africanos e afrodescendentes, oportunizando assim um conhecimento de outros grupos e ampliando o espaço para a história local.

O cenário da educação para as relações étnico raciais ganha uma notoriedade a partir de 2008 com a obrigatoriedade do Ensino da cultura africana e afro-brasileira e de questões que reverberam ao indigenismo no ambiente escolar, mas vale ressaltar que podemos levar essas discussões e aprendizagens para interdisciplinaridade como uma forma primordial de mudança educacional. Compreender que o conhecimento histórico social não pertence só ao historiador cria uma base para as discussões que estão principalmente no plano pedagógico, fazendo entender que a formação continuada docente assegura a apropriação de informações que são capazes de diminuir os danos causados por anos de ensino que inviabiliza outros grupos sociais, assim como vencer os preconceitos arraigados no campo da educação.

A abordagem da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena está contida nas leis 10.639/03 e 11.645/08 de fevereiro de 2008, em que se tornou obrigatória no seio escolar na configuração do seu currículo, tanto nos anos iniciais e quanto finais, nos setores públicos e privados. LDB, artigo 26 define:

Art. 26- A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, público e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Parágrafo 1.º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena

brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil.

Essa abordagem deve atender os princípios de valorização das culturas africana, afro-brasileira e indígena e das interações fomentadas por ela, e principalmente ultrapassar as imagens estereotipadas que ao longo de muito tempo foi disseminada pela falta de estudo e disposição de diversos setores, não que por um tempo estes estivessem desaparecidos socialmente, porém foram invisibilizados; tiveram suas histórias apagadas intencionalmente na configuração social.

Entretanto para chegarmos a esse patamar em que políticas educacionais foram criadas para o atendimento a pluralidade racial e social advinda do fruto de lutas de diversas entidades e pesquisadores trazendo suas contribuições não só no campo cultural, mas econômico, social, político assim como as lutas dos diversos povos que formam a sociedade indígena, africana e afro-brasileira. Essas Leis trazem para a História Local a oportunidade das múltiplas identidades, o dia-a-dia as relações culturais, políticas que envolvem outras realidades incentivando uma postura investigativa por parte dos docentes e alunos e pôr fim a valorização da diversidade.

Superar as representações é um grande desafio para a história e por fim para a história local, que vem encontrando abertura nas novas produções historiográficas realizadas a partir de pesquisas desenvolvidas por estudantes locais, com o destaque da Unilab-malês. E no campo acadêmico com a chegada da Unilab, vários estudantes tiveram oportunidade de produzirem pesquisas voltadas à história local. O que ajudou a mudar o cenário das produções acadêmicas e impactar diretamente os saberes locais. Como exemplo, cito os trabalhos de Joice Lorena do Sacramento Alves elabora o TCC *Aprendizagem de história em outros espaços educativos: narrativas sobre a escravidão e pós-abolição entre os participantes do Nego Fugido em Santo Amaro, Bahia*, e o trabalho de Laiza Naiane Wanderley de Brito com o tema: *Bembé do mercado: história, tradição e mitos que giram em torno da festa de preto*. Agregado a outras iniciativas como os trabalhos desenvolvidos por estudantes nas instituições escolares que trazem uma visão principalmente da beleza e da cultura dos povos remanescentes do quilombo e suas histórias. Como a professora e poetisa Lívia Oliveira, do quilombo remanescente de São Brás, na cidade de Santo Amaro como, também, o grupo formado por educadoras denominado *Crespas e Cacheadas de Santinho*, que utiliza o tema do cabelo fomentar discussões acerca das questões étnico-raciais nas escolas, com palestras, rodas de conversa, informação e formação docente. Tudo isso é significativo para a história local, pois é nestas dinâmicas que a LDB que

percebo uma possibilidade para a história local contida no artigo 26 já citado anteriormente atrelado a valorização diversidade regional e local.

Ainda que suprimido por outras intervenções, a LDB propõe o uso de uma base nacional comum curricular, que afeta diretamente o local por se tratar de uma base comum para todo o Brasil, entretanto a flexibilidade dos currículos escolares, dos PCNs e planos de aula, assim como da figura docente a história local sobrevive e se reinventa, como observado no o art. 26, que define que embora necessite de uma base cada unidade de ensino se articula “partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural” (BRASIL, 1996, p.28).

3.2 A HISTÓRIA LOCAL NOS PCN’S

Em 1997, foi aprovado pelo Governo Federal os PCNS, os quais não possuem caráter obrigatório por lei, no entanto estes vêm sendo utilizados como instrumento de embasamento tal como recomendações para o trabalho docente.

A respeito do ensino de história, os PCNs foram organizados em eixos temáticos levando em conta uma abordagem cronológica, conduzindo uma reflexão de diversos momentos históricos estabelecendo uma relação entre o passado e o presente, possibilitando uma compreensão do presente de forma mais significativa assim como a seleção de conteúdo.

Segundo o próprio documento PCN “Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço” (P.40). A inserção da história local sofreu algumas mudanças imprescindíveis para se fazer pertinente no currículo nacional, levando em conta a diversidade cultural e as identidades. No mesmo documento a inclusão do estudo do meio é citada como forma de desenvolvimento da interação discente e das percepções e leituras de mundo. Para a história local o estudo de meio traz uma perspectiva atrelada a geografia permitindo uma integração social da realidade mais próxima do educando para mais adiante estabelecer relações mais complexas com o global.

Na década de 1990, os PCNS ganham notoriedade com a concepção de história local como um eixo temático dos conteúdos, tornando-se uma metodologia ativa que contempla todas as séries iniciais. Tinha como um dos principais objetivos a valorização da realidade do educando, a ideia de pertencimento e uma criação de identidade social. Nesta perspectiva os PCN’s incentivam o estudo da história local como consta no documento: “a preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno

para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia” (pág.40).

A abordagem da história local possui uma identidade muito particular no que diz respeito às relações pedagógicas, ensino e aprendizagem, identidade. Nos anos iniciais a história Local aparece como conteúdo e nos demais anos como recurso didático pedagógico. Entretanto é através do contato com a história local e suas propostas contidas nos PCNs que o educando se aproxima, experimenta e vivencia aprendizagem histórica. A exemplo PCNs 1997, estabelecem que no primeiro e segundo ciclo a história deverá ser trabalhada de forma que o aluno compreenda que cada momento histórico decorre das ações individuais e coletivas tendo seu potencial histórico, mas que é através do presente que compreendemos as transformações históricas e o impacto que tem no pessoal na coletividade. Nesse ciclo os alunos têm acesso ao local como ponto de partida do estudo histórico ressignificando e reconhecendo as práticas sócio-históricas e o reconhecimento de si e dos seus como sujeitos históricos. Neste ciclo é proposto o trabalho com a família, a comunidade, a cidade e por conseguinte com outros espaços geográficos e culturais. A cultura local é também o outro veículo de conhecimento histórico acessível aos alunos nos variados ciclos de ensino aprendizagem.

Para o segundo ciclo espera-se uma outra postura ou nível de conhecimento do aluno, em que ele já domine o mecanismo de escrita, este estará ligado a problematização, contextualização e registro do aprendizado. Quando trago a aprendizagem voltamos aos níveis de aprendizagem em os indivíduos estão ligados, alguns compreendem mais através da visualização, contextualização e experimentação a qual chamamos de prática, audição ou escrita, presentes no que consideramos como modalidades de ensino, isso é maravilhoso para o ensino histórico, porque a história através das mais variadas fontes de pesquisa nos permite vivenciá-la, experimentá-la sem excluir nenhum aluno.

No tocante a história local pode ser pensada a partir de alguns vieses: o da **prática pedagógica**, o do **entendimento da história local como espaço de vivência**, das **relações particulares**, do que **vivemos e produzimos no cotidiano** e também como parte integrante da **ciência História** – lugar da história local na produção do saber histórico presentes nas instruções dos PCNs que enfatizam:

As propostas acerca do ensino do fato histórico se dão através das mais variadas vivências de atividades. A exemplo das atividades propostas na semana de aniversário ou emancipação da cidade, de acordo ao ano, verifica-se o nível de conhecimento prévio do aluno, destaca-se os objetivos competências e habilidades, e delimita-se o que dentro do campo da

história irá trabalhar, nesse caso 1º ano e tema aniversário da cidade, o que podemos aprender com: na fundação da cidade formação da população através dos primeiros habitantes, economia local sempre fazendo contraponto entre o presente e o tempo passado que está estudando, mudanças visuais utilizando fontes como, fotografias, pinturas de artistas locais, letras de música, poesia relatos orais, árvore genealógica pois podemos partir do entendimento também a partir da família e dos primeiros registros escritos da turma.

Nos PCNs de História o destaque para o indivíduo é notório, pois busca-se consolidar o sujeito histórico primeiro a partir da ação de cada indivíduo e sua importância nas transformações sociais, esses sujeitos podem ser compreendidos como os próprios alunos, seus familiares, que desempenham diferentes papéis na sociedade. Se valoriza a aprendizagem significativa, a história como espaço de vivência, onde o local é utilizado como veículo de problematização e entendimento do seu entorno, que abarca as diversas identidades perceptíveis nos diversos contextos históricos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a história local é compreendida como a história da vida particular dos indivíduos e das relações que ele estabelece com o meio, como estudante, cidadão e os papéis que ele assume. No decorrer deste percurso a história local dentro do ambiente escolar como ciência histórica é abordada pelo docente como a história da cidade, município, a história dos saberes particulares produzidos por eles e seus próximos, desta forma os Parâmetros Curriculares Nacionais: a preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. (pág.40).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN sugerem que a história local possa estar relacionada a diferentes aspectos e tempos da história da localidade. Neste aspecto apresentado o educando é levado a ampliar seus conhecimentos através das vivências cotidianas, problematizando e experimentando a história local através de metodologias que envolvam a história oral, expressões populares, enfim, a aprendizagem com fontes históricas que estejam ligadas a sua realidade.

3.3 A HISTÓRIA LOCAL NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular de 2017 é documento normativo composto de competências e habilidades que visam equilibrar os anseios dos diferentes grupos sociais, que

dentro das especificidades relacionadas à constituição de 1888 busca selecionar conteúdos mínimos a serem ofertados. O artigo 210 – conteúdos mínimos LDB para desenvolver o trabalho com a história local é preciso pensar nela com uma finalidade ou objetivo que gira em torno da promoção do conhecimento de identidade pertinente dos indivíduos. No entanto a BNCC é visto por alguns indivíduos como uma barreira para a expressividade e a pôr fim para a história local, pois explicitam que a mesma tem uma aparência de uniformização do ensino não levando em conta as particularidades de cada território, além dos currículos e principalmente das histórias do seu público.

A Base Nacional Comum Curricular BNCC, define níveis e modalidades de ensino dividido em educação infantil e ensino fundamental, anos iniciais finais, contudo de dezembro de 2017 a dezembro de 2018 foi promulgada para ensino médio.

A BNCC apresenta cinco etapas de conhecimento para o educando cujas quais são: identificação; comparação; contextualização; análise e interpretação, reforçando o pensamento crítico através do estímulo que o docente propiciará, assim como a diversidade de fontes e metodologias.

Na **identificação** o educando se apropria do objeto de estudo, no caso a história local. Ele questiona e busca conhecer suas características através do estímulo docente e por consequência surge a **comparação** com outras realidades, outras histórias e outros lugares. Por meio da **contextualização** é que se identifica as circunstâncias do ocorrido. No caso da história local é refletir, comparar, analisar, interpretar, compreender, o objeto de estudo que está sendo apresentado, situando-se em tempo e espaço diferentes. Na contextualização o docente cria ferramentas para que o educando tenha a liberdade de conhecimento dialogando com a realidade e questionando-a. Já a **Análise** permite conhecer os pormenores, traz a possibilidade de esmiuçar o objeto de estudo, neste contexto seria a história local, interpretando as informações contidas nas muitas entrelinhas da história, levando a questionamentos significativos e ampliando as trocas de conhecimento. Por fim, a **interpretação** é o meio pelo qual estabelecemos relações, refletimos entre diferenças, semelhanças, continuidades e rupturas, dos processos históricos sociais. O indivíduo articula seus conhecimentos prévios com o que está sendo oferecido naquele momento, podendo traçar um paralelo ou estabelecer distâncias. Podemos notar principalmente quando tratamos de questões voltadas a comunidades quilombolas, o sentimento de identidade e pertencimento de quem ali vivenciam cotidianamente e se envolve nas questões comunitárias é diferente daquele que apenas conhece a partir conceitos, não que este saber diferente não seja válido, mas que a vivência e

problematização da realidade por aquele que está diretamente envolvido faz refletir diretamente ao que lhe é apresentado através da interpretação dos fatos.

Para o ensino de história essas questões são centrais no estímulo à autonomia do pensamento e ações do educando, orientando a pensar historicamente e a construir uma consciência histórica apoiando na BNCC.

Os marcos regulatórios nos mostram que existe um espaço na educação para desenvolvimento do trabalho com a história local – conteúdo, avaliação, problematização – porém esbarramos em questões que são vistas por alguns com empecilhos para o desenvolvimento do trabalho. Grande parte da sociedade não possui livros específicos sobre as suas comunidades, no entanto há sempre produções de historiadores diletantes, que por entusiasmos, curiosidade e até manutenção de determinadas memórias, produzem escritos que são capazes de serem explorados e problematizados no cotidiano escolar, assim como outras fontes históricas que fortalecem o conhecimento histórico, a própria BNCC estimula a exploração das fontes históricas

As questões relacionadas ao trabalho com a história local estão ligadas a disponibilidade do docente em estimular-se a pesquisar e desenvolver metodologias de trabalho, mas também a falta de preparo ou formação didático-histórica e metodológica. Durante certo tempo as esferas estaduais e federais contaram com programas que assistiam às escolas com manutenção de livros formativos que embasam o trabalho docente, mas diante de diversas circunstâncias estes muitas vezes ficam esquecidos, empoeirados e distantes dos planejamentos. Partindo para uma realidade mais próxima: Santo Amaro, há uma presença satisfatória de historiadores diletantes, de fontes que contribuem significativamente para atividades que visem problematizar, refletir e fortalecer o contato com a história local primordial para articulação e produção didática local.

No viés de pesquisa há uma questão que instiga, que é: a história local pode se apropriar da BNCC para se tornar válida? Essa questão será respondida à medida que possa refletir no estudo da própria BNCC de forma que ela venha respaldar as inquietações no ensino de história.

Na BNCC, competências específicas devem ser desenvolvidas pelos educandos ao longo da sua escolarização. As habilidades não descrevem as ações ou condutas esperadas pelo professor, ou seja, não induzem a opção para abordagem da metodologia, desta forma o currículo escolar e os projetos pedagógicos tornam-se uma linha particular, uma identidade.

Ao analisar as competências específicas pré-estabelecidas pela BNCC no Ensino Médio, encontramos elementos que fundamentam o trabalho com a história local, permitindo um desenvolvimento crítico social. A sensação que tenho nestas leituras é que sempre se espera que o docente consiga dar conta de suprir todas essas especificidades que o educando teria que ter após a aula, mas a história local quando tem que abraçar toda essa gama de informações assim como a macro história, deixa uma lacuna, pois são recortes históricos ligados a individualidade, identificação, preferência e referência de quem o seleciona. Nenhuma história tem como dar conta do todo, mas ao mesmo tempo sem esses recortes históricos, não existe, a não história, a história é vida, acontece mesmo quando não se espera, estando ligada ao movimento social, as transformações cotidianas, tudo isso é história. E no contexto da escolarização a história é uma ferramenta de reflexão social, de encontro consigo, de ressignificação de ação e pensamento, é instrumento de aprendizagem.

Neste capítulo procurei apresentar as principais contribuições que a história local traz para o ensino de história mostrando que desde quando a história local tem sido valorizada, há um ganho exponencial para a compreensão das transformações cotidianas e valorização das múltiplas identidades e sujeitos. Todavia percebo que a História local é uma possibilidade real no campo da história, que instrumentaliza o tanto o docente quanto os curiosos a traçarem um paralelo entre o passado e presente de forma crítica e transformadora. É tão real quem se debruça sobre leis que a normatizam, todavia atinge quem mais nos preocupamos, o aluno que tem a possibilidade de se ver o seu cotidiano como parte da história, percebendo que a história não está ligada a fatos e situações distante mas que ele, sua família e a escola são elementos de transformação social.

A questão do enfoque do sujeito é tão importante que a inserção da cultura afro-brasileira e indígena deram uma nova roupagem à consciência histórica e ao local. O destaque da história local não é motivo para o esquecimento da história global, não pretendo que ela sobressaia ou dê conta do geral ou então a substitua, mas que seja vista como ponto crucial e transformador e assim como os aspectos norteadores que a currículo sofreu ao longo do tempo trazendo contribuição e transformação do ensino e da ciência histórica.

3.4 A HISTÓRIA LOCAL NO REFERENCIAL CURRICULAR DA BAHIA

O referencial Curricular da Bahia DCRB é um documento normativo desenvolvido para atender desde a educação Infantil, Anos iniciais, finais e o Ensino Médio, no qual busca seguir

as normas presentes na BNCC. Assim como outros estados do país a Bahia buscou desenvolver o seu referencial de acordo a diversidade do seu espaço geográfico, de sujeitos assim como das representações política sociais perante uma identidade nacional.

De acordo com DRCB a “BNCC está sendo complementada por uma parte diversificada que constitui um todo integrado por meio do DCRB, e sua articulação deverá possibilitar a sintonia dos interesses mais amplos de formação básica do cidadão com a realidade local” atentando “as necessidades dos estudantes, as características regionais da sociedade, da cultura e da economia perpassam todo o currículo”. (DRCB p.148)

O DRCB, busca atender as especificidades do território respeitando as diversas identidades presentes no território desta forma dando “origem a um processo de contextualização, caracterização e inclusão de especificidades da identidade do Estado da Bahia e seus territórios, considerando uma natureza mais consolidada no próprio documento ” (p.13)

Para a história local este referencial apresenta-se como um passo para reflexão das múltiplas identidades sócias, dando subsídios e autonomia as unidades municipais para compor seus currículos levando em conta as suas particularidades locais. Pensar no local a partir de suas representações singulares é trazer para o âmbito educacional o despertar das consciências históricas. É ativar a memória de pertencimento, das lutas e conquistas de povos ancestrais, mas também das representações contemporâneas, tal colocação fica evidente “ orientações que respeitem a autonomia dessas escolas como representantes de seu Território, evitando generalizações ou caracterização pormenorizada que causariam a exclusão de especificidades indenitárias” (DRCB, p.145)

A consideração dos contextos sócio históricos presentes no DRCB apontam:

Valorizar os conhecimentos tradicionais do seu povo, incentivar e potencializar as produções de conhecimentos elaboradas pelas unidades escolares de todos os Territórios de Identidade do Estado, para garantir o direito de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes, transformando realidades e fazendo valer a justiça social com mais igualdade de oportunidades (p.37)

Nesse sentido os currículos escolares se organizarão de acordo com suas particularidades trazendo o referencial local de seus sujeitos, mas é importante lembrar que isso deve acontecer em um contexto reflexivo, para evitar as representações que invisibilizam. Para tanto, os marcos legais devem ser considerados na (re) elaboração coletiva dos Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP) das escolas públicas e privadas do Estado da Bahia. (p.37)

As modalidades contempladas na Educação Básica do Estado da Bahia compõem as pautas da: • Educação Escolar Indígena, com uma proposta de educação específica, intercultural, feita com e para indígenas, nos espaços onde se localizam as diferentes etnias. • Educação Especial na perspectiva inclusiva que visa o atendimento educacional especializado a pessoas com deficiência. • Educação do Campo, visando a produção e valorização da vida, do conhecimento e da cultura do campo, valorizando os aprendizados dentro e fora dos espaços escolares Educação Escolar Quilombola, com foco na valorização das questões étnico-raciais e indenitárias a partir da valorização da identidade afrodescendente. • Educação de Jovens e Adultos, com um olhar para o estudante que trabalha, considerando saberes prévios e tempos de aprendizagem dos sujeitos atendidos. (p.49)

Nesta perspectiva a história local pode ser sentida no DRCB a partir da sua formação que visa atender a diversidade do território, apensar de ter como base obrigatória a BNCC, ele não se isenta de buscar alternativas que buque romper as desigualdades, presente na parte diversificada instituída por cada instituição de ensino, levando a valorização das minorias dentro do processo histórico social. Por ser um território vasto a se faz necessário a utilização de ferramentas teórico metodológicas em consonância com cada realidade. A composição das pautas elencadas pelo DRCB, atendem a história local por contemplar nas suas proposições diante a sociedade, de evocar os sujeitos através e suas potencialidades, de suas ações perante a sociedade de forma que suas práticas sejam percebidas como ações históricas que movimentam a sociedade. É rememorar a luta dos Malês, das comunidades quilombolas, das produções do campo como aspectos históricos com um impacto social.

“A história não é mecânica, porque os homens são livres para a transformar”.

(Ernesto Sábatto)

4 O LOCAL A PARTIR DA VISÃO DOCENTE

Este capítulo se alicerça nas entrevistas realizadas com docentes da Cidade de Santo Amaro, Bahia. Nesse sentido, foram utilizadas as observações, impressões, recursos didático-metodológicos dos e das professoras visando responder como a história local pode ser entendida como uma prática pedagógica no ensino da história e na formação e valorização da identidade do indivíduo ou como ela pode tornar o ensino da história mais significativo. Muito me inquietava o conceito de História Local que estava sendo construído no percurso acadêmico e profissional dos docentes, quais as relações estes estabelecem com o meio e que vive, assim como a relação que o docente tem com o conhecimento, partindo da ideia é necessário ter identificação, isso já é um ponto positivo, ajuda a constituir um elo e por fim, uma disponibilidade e até prazer, sim prazer, porque algo precisa ser significativo para fazer sentido.

A história local é o objeto de pesquisa e a partir dele desenvolvi entrevistas com alguns docentes, com formação em Bacharelado ou Licenciatura em História que atuam ou atuaram diretamente em sala de aula. A maior parcela deles possui especialização que lhes possibilitam uma maior qualidade da formação. O grupo está caracterizado por 15 mulheres e 3 homens, que atuam nas escolas estaduais, municipais e particulares da cidade, alguns com carga horária de trabalho entre 20, 40 e até 60 horas. O tema desta pesquisa teve início nos estágios supervisionados no ano de 2019.

Para o desenvolvimento destas entrevistas, elaborei um questionário com base em seis questões, que nortearam a minha reflexão. Entrei em contato com os docentes e expus aos docentes a minha proposta e a inquietude que girava em torno das observações em sala de aula, mas também na academia. Apesar de conhecer um número significativo de respondentes, percebi um certo desconforto em ser exposto ao atender o pedido, e ainda que eu tenha deixado claro que não ficariam, assim alguns não fizeram parte do percurso.

A coleta de informações aconteceu tanto de forma presencial como envio de e-mail, principalmente por e-mail, no qual 9 responderam de forma presencial e 9 vias e-mail. Na confecção do estudo estava estabelecido uma presença mais efetiva na escola, como que já havia sido acordada com as docentes, porém a pandemia impossibilitou, trazendo um replanejamento das ações. A atividade docente durante esse período pandêmico passou por uma grande desestabilidade, pois as novas práticas, com a utilização de aparatos tecnológicos, não faziam parte do cotidiano dos professores. Pensando na realidade das instituições, o contato com essas ferramentas é muito pontual quando também não possuem. A vida docente passou a

ter outras configurações, impedindo o prosseguimento, pelo desconforto docente quanto à presença de outros no cotidiano de suas aulas, depois que as mesmas retomaram de modo remoto, ou seja, online.

Para melhor compreensão da realidade trabalhei com as questões abaixo que foram direcionadas a estes docentes:

1. De que forma você contempla a história local como aporte pedagógico?
2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?
3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?
4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?
5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dados sobre sua formulação?
6. Caso haja uma experiência exitosa, relate.

A docência e sua relação com a história local, nesta situação é o objeto inicial de análise uma vez que os docentes atuam diretamente com o alunado, são eles a pesquisar, compor os planos de aula, escolhem a melhor estratégia didática para a intervenção no processo de ensino aprendizagem.

Para apresentar esses docentes, busquei relacionar seus nomes ao de pedras preciosas. Sim, isso que cada um deles são, por serem fortes, ao mesmo ponto maleáveis ao ponto que se moldam a cada circunstância que é apresentado, mas acima de tudo por sua significância social. Cada pedra preciosa possui suas particularidades que as tornam tão singulares, esses são os docentes presentes especialmente nesta pesquisa.

4.1 CONVÍVIOS COM A HISTÓRIA LOCAL

O sentimento dos estudantes no ambiente educacional pode advir das escolhas e estratégias metodológicas feitas pelo docente, focando no que seria significativo e atraente, no que despertaria o interesse do educando, seja ele através da música, da literatura, dos jogos interativos, mas com um foco local. Entretanto, não seria só estar no ambiente educacional, mas fazê-los sentirem-se sujeitos do processo de aprendizagem, levando em conta as necessidades individuais e coletivas.

Segundo NUNES (2006), “aprendizados e ensinamentos sempre interferem na forma de ser e estar em um mundo cuja a complexidade de estruturação demanda um olhar pedagógico que não simplifique o processo educativo a um momento descolado da realidade que o envolve”

(p.151). A realidade é base para a incorporação da história local, que é um dos primeiros passos para o despertar do sentimento de pertencimento. Esse pertencimento vai sendo construído com base nas ligações entre o “eu” e o que eu aprendo do lugar, do espaço, como ressignificar as relações. A posição do docente diante da história local é primordial para compreendermos o desenvolvimento de acordo com Fonseca:

O trabalho pedagógico em sala de aula pode contribuir para melhor inserção dos alunos na comunidade, identificando seus problemas, suas características, as mudanças e permanências do local, a construção da identidade, da cultura, a participação dos sujeitos, suas inserções e relações com o Brasil e o Mundo (p.135).

O conhecimento da realidade do aluno abre portas para o desenvolvimento de práticas que atendam suas necessidades, e sejam capazes de incentivar o desenvolvimento de suas potencialidades.

Para Fonseca (2012) “a escola é concebida como instituição social que concretiza as relações entre educação, sociedade e cidadania, sendo uma das principais agências responsáveis pela formação das novas gerações” (p.152), sendo assim a escola é um espaço plural, formador de cultura e, importante, para a história local ser difundida. Ela tem como mediador o docente que, segundo Samuel (1989), “poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço, mas usado como uma janela para o mundo. ” O local seria essa janela para compreensão das dinâmicas sociais, abrindo possibilidades para se alcançar esferas diferentes da sociedade, debatendo e conhecendo a política, a cultura, educação e outras ações sociais.

4.2 APORTES PEDAGÓGICOS DA HISTÓRIA LOCAL NAS AULAS DE HISTÓRIA DE SANTO AMARO

A primeira questão está atrelada a relação que os docentes estabelecem na sala de aula com a história local buscando responder o que eles achavam da história local como aporte pedagógico, como uma ferramenta ou metodologia de ensino. No transcorrer da questão, as respostas foram as mais variadas principalmente por se tratar da sala de aula e do cotidiano escolar.

Ao questionar sobre a contemplação da história local como aporte, foi possível compreender que os docentes utilizam a história local de alguma forma na sala de aula, através de estratégias particulares, compreendem a sua importância na formação indelével, seja

relacionando com os aspectos da história global (quando possível), atrelado às datas cívicas ou outras articulações.

Para Turmalina Paraíba, é possível contemplar a história local na utilização de “atividades e trabalhos em classe e extraclasse e através de projetos pedagógicos da escola.” (TURMALINA PARAÍBA, 2019).

As circunstâncias que abrem caminho para o trabalho local estão ligadas diretamente aos projetos escolares que permitem uma experimentação direta do aluno, assim como à oportunidade de vivenciar ou experimentar diversas fontes de pesquisa. Nesse sentido o docente é o mediador implicando diretamente em criar situações de aprendizagem, potencializando os saberes.

A primeira preocupação perpassa por estabelecer relações da história local com os temas trabalhados em sala de aula. Quando isso é facilitado para ocorrer, se trará a história local numa abordagem inter-relacionada através de estudos dirigidos, análise de imagens e até mesmo documentos que possam remeter ao período estudado. (Âmbar, 2019)

No contexto da educação escolar Bittencourt (2011) enfatiza que o uso da integração dos possíveis conteúdos com aspectos da realidade favorecem o “entendimento de mudanças e permanências por intermédio de um estudo comparativo” (p.367). Dentro do aspecto local a utilização de imagens funciona como aproximação entre o subjetivo e o concreto ainda que se esteja mostrando um tempo mais distante. Para Bittencourt (2011), as imagens como “possibilidade didáticas para a renovação dos métodos de ensino” assim como favorecem a introdução dos alunos no método de análise de “documentos históricos” (p.365,369), atividades de comparação, contextualização podendo associá-lo a textos.

Outra possibilidade é anunciada pelo docente é:

Aqui no Município de Santo Amaro a história local faz parte do cronograma pedagógico com a inserção do “13 de maio”, que “casa” o processo de abolição da escravatura, com o que se torna um marco histórico mundialmente conhecido, o Bembé do mercado. Além da participação no 2 de julho e 7 de setembro. (Ágata, 2019)

Essas datas cívicas como 13 de maio (Bembé do Mercado), evento ligado a abolição da escravatura, conhecido mundialmente como maior candomblé de rua, 14 de junho ata de vereação da cidade, o 2 de julho (Independência do Brasil na Bahia) e o 7 de setembro, são considerados dentro da cidade motivo de orgulho em uma conjuntura global, utilizado no contexto didático.

Trabalhando temas que contemplem a realidade vivida por cada aluno dentro da sua localidade, a história local se torna uma facilitadora no processo ensino aprendizagem justamente por isto, ela me possibilita lidar, juntamente com meus alunos, com o fator social em uma dinâmica própria. O aluno se torna um agente ativo neste processo, ele participa, ele vivencia a história. Ademais a valorização das fontes orais, do conhecimento que vai passando de uma geração para a outra também é de fundamental importância. (Berilo,2019)

Tendo sempre algo da realidade local para as aulas a fim de dar significado ao nosso momento histórico antes e durante a construção da sociedade. (Topázio ,2019)

Um dos principais desafios docentes está em elaborar mecanismos para que o aluno pense historicamente, de acordo com Marlene Cainelli, (2009) pensar historicamente seria “a capacidade de pensar além de si mesmo e de seu tempo. Compreender que existem relações entre a sua história individual e a História” (p. 126 - 127). É nesse sentido que a experimentação de diversas situações de aprendizagem, pois pensar historicamente não seria algo intrínseco, é ensinado.

Ao serem questionados, os docentes fizeram referência à BNCC e aos PCNs quando ambos relatam a importância de conhecer o local e os impactos que esses têm na formação da identidade do indivíduo como sujeito histórico, para além destes marcos regulatórios teóricos, pensar na identidade sendo constituindo nas subjetividades e nas relações complexas entre ele e o mundo.

4.3 FONTES, PATRIMÔNIOS E O LIVRO DIDÁTICO

Foi explicitado o potencial cultural da cidade, em que muitos utilizam o livro de Memórias da Zilda Paim (importante escritora da cidade) como referência para compreender a história local e seus processos de desenvolvimento. Estes livros são de cunho particular, pois há carência em material didático desenvolvido por outros órgãos educacionais que fazem referência a história local. Porém, eles fazem uso de estratégias diferentes para que o trabalho continue a ser desenvolvido.

O patrimônio é uma das fontes de maior alcance para a história local na esfera escolar, seu reconhecimento como recurso didático histórico está amparado nos PCNs, como Bittencourt (2009) afirma “o compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as atuais e futuras gerações, centrada no pluralismo cultural” (p.278).

Outra situação está ligada à probabilidade de relacionar a história local sempre que possível aos conteúdos selecionados. Foram feitas referência a fontes de orais assim como visitas aos centros de referência da cidade como Museu dos Humildes, Casa de Câmara e

Cadeia, onde se localiza a sede da Prefeitura Municipal da cidade, à Casa do Samba, referencial regional de cultura e identidade local.

Uma das situações que chamaram bastante a atenção está relacionada a presença docente em um distrito específico do município e a preocupação em trazer o local como parte integrante da história daquelas pessoas, visto que por muito tempo foi sendo construída a imagem negativa deste espaço, imagem relacionada a falta de potencialidade e contribuição histórica, muito presente na falta da autoestima da comunidade. Essa distância não é só geográfica e cultural, e o desenvolvimento da atividade docente, citada como exitosa contribuiu significativamente para uma relação positiva da comunidade intra e extra escolar. Sendo assim a autoestima discente é construída ao passo que o aluno reconhece os potenciais da sua localidade. Para Safira:

Sim, tive uma experiência exitosa, quando trabalhei história do Brasil fazendo um paralelo atual e político social com os alunos do Sítio Camaçari distrito da cidade de Santo Amaro, na sua maioria filhos de pais cortadores de cana. Um trabalho que durou todo o ano letivo, onde trabalhamos direito do trabalho, direitos sociais, realidade social, isso tudo voltado para o conteúdo programático da instituição, tive um retorno vindo dos alunos espetacular. Onde a comunidade foi envolvida no trabalho. (Safira,2019)

Apesar de conhecerem outras estratégias de inserção da história local na sala de aula, os docentes sempre manifestam o interesse maior pelos projetos escolares, acredito que seja por identificação e uma oportunidade maior de desenvolver atividades interdisciplinares, de poder ter um tempo maior para pesquisar. Os projetos são atividades lúdicas que oportunizam uma maior interação entre os envolvidos no processo.

Entretanto, fazem referência a uma pontualidade da abordagem local no que tange a datas comemorativas locais e globais, como aniversário da cidade, mas quando estas referências são locais estão ligadas a religiosidade, lembrando que estamos em uma sociedade e as concepções religiosas não se dissociam do convívio social, pois os seres humanos que produzem e inventam a cultura e põem fim a religiosidade. Isso fica bem explícito na colocação de Quartzão:

A histórica local no currículo escolar da rede é pontual, destacando acontecimentos e datas consideradas importantes no cenário local, principalmente ligadas à questão religiosa afro-brasileira e católica. Geralmente, estas datas são discutidas em sala de aula pelo professor, às vezes inclusive com atividades práticas, como por exemplo produção de vídeo e visita a espaços públicos e Patrimônio local. (Quartzão,2019)

O calendário cristão é o mais difundido socialmente, podemos observar sua vinculação às datas comemorativas, aos festejos nacionais e locais. Essa situação despertou atenção dos docentes, pois existem outros formatos de calendários que atende a outros grupos étnicos estudados pela ciência histórica. Essas ligações entre as datas comemorativas estão abertamente ligadas a formação cultural mais difundida na sociedade, entretanto temos a consciência de que existe na legislação educacional o respeito à diversidade cultural e religiosa, sendo assim uma das pautas docentes para a compreensão da diversidade da história local.

De acordo com Fonseca (2007) “cultivar uma postura reflexiva em relação aos saberes evita que cultivemos atitudes e preconceitos que desvalorizam a experiência dos grupos sociais, étnicos ou religiosos” (p.151). Nos incita a exercitar as ações de convivência com ação que atende a diversidade, respeito e tolerância nos diversos grupos sociais.

Discurso e prática são muito pontuais, assim como a abordagem da história local principalmente nos projetos da rede municipal e na produção dos currículos escolares. Segundo a BNCC as competências gerais do Ensino básico:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BNCC,2018).

A segunda e a terceira questão se constituem como uma grande problemática em traçar paralelos em relacionar ou correlacionar o local com o global onde as divergências de opiniões ficaram muito claras que vão desde a falta de formação continuada para embasamento, a presença de profissionais sem conhecimento e formação na área, escassez de material didático e estrutura física e um currículo que possibilite essa relação. Para Fonseca (2004) a formação “se dá ao longo da história de vida dos sujeitos, nos diversos tempos e espaços e, sobretudo a ação na experiência do trabalho docente” (p.151). Foram feitas muitas alusões à história local da cidade. Para alguns docentes as possibilidades estão em:

Como falar da Formação Econômica do Brasil, sem citar o Recôncavo baiano e seus canaviais, suas fábricas de cachaça destiladas, suas Usinas que até hoje se perpetuam? Sem relacionar os processos de explorações e capitânicas hereditárias. Tudo se interliga profundamente. (Jade,2020)

Se pensarmos que o município de Santo Amaro estivesse na rota do comércio e economia escrava e rotas, que uma alimentada pela Expansão Marítima e uma política colonialista dos Estados Emergentes Europeus fica difícil fazer essa relação. (Topázio, 2019)

Aqui em Santo Amaro temos algumas obras que falam da história local, existe também um centro de referência de Santo Amaro que pode ajudar nesta busca, mas mesmo assim vejo o material de acesso. (Topázio, 2019)

Sim, O livro de Pedro Tomás Pedreira “Memória Histórico geográfica de Santo Amaro”; livros da escritora e professora Zilda Paim: “ Isto é Santo Amaro; (particular ou utilizado como material de pesquisa na Biblioteca José Silveira; Folhetos da Câmara Municipal de Vereadores de Santo Amaro, Cachoeira, São Francisco do Conde, etc. (Gratuitos), livros particulares contendo poemas e contando a História local como por exemplo da escritora Mabel Veloso, Dr.Édio Souza. Vou aprofundar mais as fontes de pesquisa e interagir com a musicalidade que tem uma presença muito forte na contação da História, a exemplo de Caetano Veloso com a música Trilhos Urbanos, Sampa; Roberto Mendes com a Chula do Recôncavo, que com a magia do ritmo, consegue despertar o interesse pelo estudo mais aprofundado do que vem a ser a chula, onde surgiu, como surgiu; etc (Jade, 2020)

Os aspectos que acontecem de modo global interferem na realidade local. A contextualização foi a ferramenta mais utilizada como uma das formas possíveis para traçar um paralelo entre o local e o global. Entretanto nem sempre é possível pela distância do conteúdo, outra colocação gira em torno da vivência acadêmica e da prática de ensino, onde a docente não conseguia compreender de que forma os conteúdos poderiam coexistir ou que existisse alguma ferramenta didática pedagógica:

Dentro da academia, pelo menos na minha época de (1999-2003), sentíamos uma grande dificuldade em fazer essa ligação deixando sim a distância entre ambos. Hoje consigo associá-las de maneira mais tranquila embora haja algumas barreiras para tal. Como muitas vezes o “conteúdo” ainda é trazido por livros que é, dentro da educação brasileira, o grande norteador do conteúdo, esse material ainda nos é apresentado de maneira engessada. Portanto devemos ir além e buscar alternativas que nos levem a relacionar a história local e a história global (Água Marinha, 2019)

Ao passo que foi vivenciando e ampliando seu conhecimento histórico a realidade da sala de aula foi transformada, diminuíram os receios, em grande parte do tempo se tornou possível que o conhecimento acadêmico transformasse em algo mais palpável e pudesse ser redirecionado ao contexto escolar, através de uma linguagem mais próxima. É possível perceber que a formação continuada tem um grande reflexo na prática docente, ao ponto destas mudanças se refletem em práticas de conhecimento que reverbera diretamente em sala de aula, esse impacto tanto para ela como docente quanto para os alunos. De acordo com Imbernón (2010) “o conhecimento partilhado impacta as instituições de forma significativa a mudar a atmosfera de aprendizagem” (p.24), mas também impacta a forma com que o docente passa a ser visto como aquele que cria “espaços e recursos para construir aprendizagem, mediante, projetos de inovação e intercâmbio nas escolas processos, prática reflexiva” (p.24) nas escolas onde todos os envolvidos serão afetados pelo conhecimento.

Argumentos que impossibilitam a relação entre o local e global problemática que se fez presente:

Não se é “possível” trabalhar de forma concomitante local e global. As dificuldades são amplas fortalecendo "distâncias" e caminhos para se desenvolver trabalho pedagógico. Quando isso ocorre os suportes metodológicos são complexos, nos limitando as propostas tradicionais utilizadas cotidianamente. (Âmbar, 2019)

Falta de formação inicial e continuada; carência de recursos; alguns profissionais atuam no Ensino de História sem formação na área de História e /ou Ciências Humanas (Quartzo,2019).

Outra situação como a falta de estrutura das instituições tanto públicas como privadas que carecem de recursos físicos e termos de programas acessibilidade, bibliotecas físicas e digitais, passeios, reverbera em uma limitação do acesso a outras formas de aprendizagens e compreensão das múltiplas identidades sociais. A distância é apresentada como algo muito particular relacionada a identidade e prática de cada docente nesta pesquisa. A docente “falta de material pedagógico (didático, paradidático); falta de formação inicial e continuada; carência de recursos; alguns profissionais atuam no Ensino de História sem formação na área de História e /ou Ciências Humanas”. (Quartzo, 2019)

Há uma complexidade na utilização da história local e em seus suportes metodológicos que muitas vezes são limitadas junto às propostas tradicionais, dificultando a ligação entre o global e o local, principalmente quando se prioriza o livro didático como único recurso engessando e descontextualizando. Uma outra situação que observo é a expectativa em relação ao livro didático, que ele atenda às necessidades históricas locais pelo PNLD, mas mais ainda que ele atenda a carência em relação à história local, penso ser até uma utopia, pois não está diretamente em seus planos constituir um material que atenda a diversidade regional e que a local.

Desta forma a carência de um currículo que possa expandir e incentivar a abordagem da História local como uma ferramenta que emancipe a sua população que valorize suas produções culturais e históricas, bem como o reconhecimento da população como seres históricos importantes acaba por incentivar deficiências de valoração de memórias orais, visuais, patrimônios, materiais, imateriais e naturais. Dentre a abordagem do uso ou produção de material didático e paradidático que contemple a história local a escassez de material concreto reverbera no discurso dos docentes, o que se utiliza está muito ligado ao interesse pessoal assim como estes materiais são mais particulares.

A seleção das fontes por estes educadores me fez pensar em que finalidade e objetivos dentro do campo da história local, rememorando Bittencourt que cita Moniot, há uma diferença entre as fontes para o uso dos educadores e dos historiadores, além da direção sobre a aprendizagem, que deve fugir da pretensão em tornar alunos em "pequenos historiadores"(p.328), mas por que a finalidade das fontes no meio pedagógico e na história local é possibilitar um conhecimento a partir de óticas diferentes de fatos históricos ou situações que envolvam o educando e sua (comunidade ou realidade?).

Nessa sequência das fontes no campo da história Fonseca (2004) aponta “A formação da consciência histórica, o respeito às tradições locais e orais pressupõem a compreensão do ‘eu’ no ‘mundo’, do ‘universo’, enquanto dinâmica, movimento, transformação, história! ” (p.139), reconhecem-se em meio ao que lhe é apresentado é uma das formas de compreensão da realidade, que me lembra também quando insere o sentido de alteridade.

As dificuldades também partem do conceito que se tem da atividade docente de sua identidade perante a sociedade, do acúmulo de funções que o sobrecarrega, da ausência de qualidade de vida e até da falta de reconhecimento, questões voltadas à autoestima que reverbera diretamente a sua prática docente. Outro ponto que gostaria de levantar tem a ver com a ausência do questionamento gerado pelas informações de cunho imediatista, vemos isso ligado a proporção de informações utilizadas principalmente pelo acesso das redes de comunicação, onde não se questiona o que está sendo mostrado e alguns fatos expostos ganham uma proporção tão intensa que se constitui em verdades que não podem ser desacreditadas e questionada, daí a necessidade do saber docente da sua formação como pesquisador em mostrar que os fatos precisam ser indagados questionadas, debatidos.

A constituição do sistema educacional desigual foi apontada pelos docentes como fator que impacta diretamente na qualidade da educação histórica, assim como a busca de caminhos metodológicos que assistam a prática docente e a aprendizagem discente. Conforme as entrevistas vão se desenrolando a motivação surgiu como uma das reflexões, onde docentes e discentes precisam se sentir motivados, o docente na valoração do seu trabalho, na identificação com a prática e na exploração fontes motivadoras, que desfaçam a imagem que foi construída ao longo dos anos de uma história escolar, maçante, distante e desconectada da realidade de ambos nesta situação a motivação.

A carência de iniciativa e questão de abordagem que depende da relação do local e subjetividade das informações assim como o acesso às fontes e contextos, ofertas de materiais didáticos e paradidáticos que fundamentam o entendimento da história local.

A riqueza e diversidade de histórias orais, culturais, patrimoniais nas comunidades, já formam um arcabouço de conhecimentos a ser explorados, porém a ausência de estudos, escassez de registro, preconceito social, religioso, cultural, racial impedem a visualização e a valorização como recurso histórico, assim como a história de sujeitos invisibilidades.

O sujeito histórico que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e pessoais, é o verdadeiro construtor da História. Assim, é necessário acentuar que a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente e/ou inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos. (BARROS, 2007 p.24.)

A sociedade está fundamentada em histórias pontuais de indivíduos de uma minoria evidenciada, que suprime através de ações as histórias de uma parcela e não seria diferente no que tange a educação, principalmente no ensino de história. Onde a história local é posta em lugares fragmentados e esquecidos.

Os professores parcialmente conhecem ou desconhecem totalmente a historicidade local, seja pela falta de iniciativa, execução de um currículo inadequado, pela priorização do ensino tradicional, o apego ao livro didático a desvalorização da história oral e o engessamento da metodológico ou por conta da carga horária de trabalho onde se divide entre vários municípios. Conforme a história local, a identidade Santo-amarense e de sua realidade no campo histórico escolar, as reflexões sobre a proximidade com uma identidade local através do desenvolvimento de um trabalho didático pedagógico focado nas particularidades locais são limitados a partir de currículo e planejamento de aula engessado e conteudista, coordenação pedagógica, limitação docente sobre uso das fontes e sua pluralidade, o apego ao livro didático, acesso às fontes de uso costumeiro ou falta de conhecimento teórico metodológico que possa direcionar e alicerçar a história local como aporte pedagógico. Cabe ressaltar que não pretendo apontar quem é o certo ou errado, mas visualizar como está sendo construída a história local a partir das reflexões docentes, que vão se transformando de acordo com o tempo.

O destaque vai para duas colocações que me leva a aprofundar a reflexão sobre o que leva ao esvaziamento da história local Santo-amarense e como a atitude docente, o currículo municipal e escolar tem atendido os marcos regulatórios. Por que só o docente, nesta situação, seria culpabilizado pelo esvaziamento do reconhecimento e entendimento de uma identidade santo-amarense? A estruturação de um currículo municipal não acompanha os marcos regulatórios, se ausenta de ofertar formação continuada a seus profissionais e para além das

possibilidades de parcerias com centros e grupos culturais a partir da interdisciplinaridade a formulação de diretrizes que possibilitem a compreensão do local.

temas locais de história inseridos no Currículo Escolar colocam o aluno frente a fatos próximos de sua realidade, assim, aguçando curiosidade de consciência pertencente e inclusão social no gerir de conhecimento crítico/reflexivo e cidadão atuante, em consonância a (Citrino, 2021)

O currículo é a maior dificuldade. Há certa tendência em priorizar os conteúdos tradicionais e também a questão de material didático, da rotina escolar estabelecer uma sequência didática onde o professor prepara um conteúdo com base no livro didático impresso no sul do país, o qual não prioriza nossa história local. Às vezes o próprio aluno está acostumado a isso e mudar requer também uma mudança de postura também da escola, do currículo (Berilo,2020)

Neste processo há quem diga que não há dificuldades em executar atividades voltadas à exploração e valorização da história local, afirmando que tudo é questão de iniciativa, vontade, onde se utilizam livros e acervos particulares, patrimônios materiais, imateriais locais, e a história oral, alicerçados nos PCNs. Outras questões levantadas por muitos professores estão contidas na motivação pessoal. Experiências exitosas surgem de uma motivação particular do docente, de seu interesse pela pesquisa que busca materiais que fundamentam seu trabalho, sua consciência histórica.

As salas de aula se constituem em espaço de diversidade, assim como a aprendizagem O interesse pela história local motiva alguns docentes partindo da premissa que produzir novas metodologias garantiria um melhor aproveitamento da história estimulando reflexões e a criticidade do público discente. Sendo, portanto, a melhor forma de ultrapassar abordagens históricas de engessamento do ensino, como também a visão de uma história apática, seria através das reformulações pedagógicas voltadas a histórias cotidianas.

Em relação ao uso de material didático os relatos consistiam em citar por diversas vezes os livros memorialistas de Zilda Paim, Pedro Thomas, adquiridos de forma autônoma, a visita ao acervo da biblioteca, livros didáticos como *A África está em nós*, (me pergunto de que forma tem abordado a história local, quais as relações foram feitas a partir deste recorte), a possibilidade da história local ser trabalhada relacionando a inserção das leis 11.645/2008 e 10.639/2003 com a inserção da história de África, afro-brasileiras e indígenas, além da utilização de filmes e documentários. Não falaram diretamente quais são, uma vez que estamos tratando particularmente de Santo Amaro, segue utilizando a história oral, a relação com a história de África, artigos produzidos pelos próprios docentes a musicalidade de figuras locais conhecidas nacionalmente, e textos poéticos.

As experiências são frutos de trabalhos desenvolvidos que podem está a contento ou não, no caso das experiências anunciadas como exitosas relacionadas à história local santamaricense apontada pelos docentes demandou deles uma postura diferente diante dos objetos de pesquisa, alguns realizaram projetos envolvendo datas cívicas, visitas guiadas tanto das instituições públicas e privadas, visita ao centro de referência de Santo Amaro, do professor Raimundo Artur, identificação do patrimônio cultural local, “lugares de memória e memória afetiva”, aulas de campo, ciclo de palestras.

Cerri (2011) afirma que para uma consciência histórica conhecer o cotidiano, estudá-lo como meio emancipatório é importante, mas que não devemos deixar de estudar outras sociedades e outros tempos, apresentando o conceito de “alteridade e diversidade”. Para exemplificar no meio do estudo e aprendizagem, de história local, como compreendíamos a formação étnica dos moradores se não pensarmos nas comunidades indígenas? Venho a tempos me questionado de que, no percurso da minha vida como estudante, não tenho a lembrança de me fazerem pensar nas comunidades indígenas aqui existentes, sempre pensamos nos grupos indígenas como povos distantes, de uma cultura uniformizada, não pensávamos na pluralidade, e muitos, como eu, estavam nas salas de aula, estão atendendo a uma prática de distanciamento. Santo Amaro mesmo, que povos habitavam este espaço? Por que sempre falamos amplamente que o nosso povo é miscigenado, porém só temos a referência a Cabocla no 2 de julho, como uma figura, ”exótica”, pontual, distante na formação identitária.

Então trazer para a salas de aula o local a partir das muitas identidades históricas que constituem o cotidiano em contraponto com outros tempos e outras culturas desta forma Cerri (2011), “a questão é que, efetivamente, nem para a formação do cidadão para as suas tarefas imediatas nós podemos dispensar o conhecimento do distante” (p.125)

Cerri faz referência a outra autor Patrice Canivez: “uma cultura de conhecimento do outro que é fundamental para o conhecimento de si mesmo e o exercício da tolerância, que se adquire em grande parte com o saber histórico”, porém esse outro não precisa está muito distante de nós uma vez que dentro do nosso espaço de vivência lidamos com outros indivíduos que se fazem presentes, seja para o estudo, de passagem , a passeio, me fazendo lembrar de quantos indivíduos vêm a Santo Amaro para conhecer a culturalmente e posteriormente desenvolvem estudo e teorias que acabamos conhecendo, as vezes adotando e ressignificando.

Quanto as experiências exitosas, diante do número de entrevistados ela se mostra de forma insatisfatória, mesmo que desenvolvam a percepção de que ainda necessitam de

estruturas que dê subsídios para que as suas propostas tenham resultados mais satisfatórios para ambos e atenda às necessidades dentro do campo de ensino de história.

4.4 PENSANDO AS FONTES COMO ELEMENTOS DE COMPREENSÃO LOCAL

Bittencourt (2009) Sugere algumas formas de compreensão e seleção das fontes para o trabalho escolar. As propostas giram em torno de fontes como a fotografia que assegura “é preciso entender que a fotografia é uma representação do real” (p.366) além dela ser um “produto cultural “possui problemáticas contidas na sua estrutura assim como na leitura que se faz da própria, ao ponto de perceber que o sujeito por trás das câmeras possui uma intencionalidade, é a partir das suas subjetividades que capta aquele momento. Também é a partir da fotografia que se tem a oportunidade de rememorar situações vividas e estas fotografias caminham sobre o tempo, os tempos presente e passado.

Quando assegura que “A fotografia registra fatos, acontecimentos, situações vividas em um tempo presente que logo se torna passado”, lembremos da utilização fotográfica em propostas de atividades escolares como o memorial, gosto do memorial pois dá a possibilidade de conhecer um pouco do que os alunos junto a seus familiares selecionam, também nela que fazemos leituras sociais e podemos levantar questionamentos e ampliar discussões.

A captação de um acontecimento que logo se tornará imagem é de enorme sensibilidade, permitindo-me fazer algumas análises, citarei duas análises, da captação da imagem voluntária e involuntária. A imagem involuntária muitas vezes utilizada em estudos históricos é capaz de observar a naturalidade situações que posteriormente se transformarão em fatos a serem problematizados, não que isso não possa acontecer com a partir do voluntariado, nela os indivíduos não procuram o melhor ângulo para ser flagrado, no entanto nas captações de imagens voluntárias a toda uma preparação tanto do ambiente quanto do indivíduo , para que se possa captar o melhor que se pode abstrair tanto do indivíduo quanto do lugar, principalmente porque o indivíduo quer apresentar o seu melhor ângulo, expressão entre outras coisas. O estudo fotográfico no campo histórico é vasto, me atarei só a esta breve análise. Dentro de Santo Amaro posso citar o fotógrafo Álvaro Ricardo que passeia entre as linhas da captação voluntária e involuntária e seu trabalho é riquíssimo para o estudo da história local, além de suas fotografias apresentar outras ofertadas pela comunidade compondo um acervo maravilhoso, principalmente para o historiador que caminha nesta linha de pesquisa.

Vamos partir para outra fonte é o audiovisual, segundo Bittencourt a televisão por muitos anos era abominada pelos educadores, posso citar uma série de limitações, principalmente por propagar ideologias, fantasias, ser falaciosa, intencional e limitante, mas a como nada historicamente é imutável, as percepções sobre a mesma também foram se modificando ainda que a passos curtos. Outra coisa também está relacionada à formação docente e a estrutura das instituições, que fora citado pelos docentes como limitada e desigual nas escolas da cidade e em uma mais ampla análise nacionalmente, pois a diversidade nesse caso contempla também instituição sem o mínimo de condições para ofertar o acesso a diversidade de recursos que são os audiovisuais. Ainda que dentro da minha comunidade se faça presente o curso de formação técnica em audiovisual para a conclusão do Ensino Médio, na instituição do Estado Ceep-Santo Amaro, percebo que os alunos saem sem perspectiva de atuação na área uma vez que, a falta de laboratório na área, assim como a de profissionais da área para melhoria do ensino, porém no ano de 2021 a sua reestruturação visa um diferencial. Outra questão é a inserção da Universidade que tem sido responsável pela ampliação de estudos na área a partir da produção de curtas direcionadas ao local.

Pensada como recurso didático Bittencourt assegura que “fica evidente que não existe um modelo simplificado para introduzir os alunos na análise crítica da imagem cinematográfica” (p.375) cabendo a nós educadores ampliar o nível de percepção através de propostas que extrapolam a "análise de conteúdo" presente. A autora ainda sugere a execução de atividades relacionadas à análise social do filme, programa, onde sejam questionadas as relações econômicas de suas produções, pluralidade de elementos técnicos, visuais e étnicos, preferências em temas para o conhecimento do grupo, seja levada em conta faixa etária. Ainda assim Bittencourt cita o historiador Carlos Vesentini, que segundo ela propõe a utilização no campo cinematográfico de recortes voltados a temática que deseja trabalhar,

Dentro da comunidade Santamarense as sugestões giram em torno das produções visuais do professor Moisés Padilha, nas produções de vídeos locais postados nas redes sociais, além dos alunos da UFRB.

A relação entre a música e a história é outra vertente abordada por Bittencourt, que afirma que a música e a história sempre caminham juntas. Nesse estudo vou me ater ao campo da música popular como instrumento didático pedagógico. Dentro do campo historiográfico houve grandes contribuições como a de Hobsbawm, que compôs estudos sobre o jazz norte-americano com destaque ao contexto social do gênero.

Bittencourt 2009) destaca as contribuições do campo historiográfico, “em geral, no ensino de história, acostuma-se analisar a letra separada da música e o autor sem o contexto social em que produz a obra” (p.381), superar essa concepção é de enorme necessidade uma vez que o contexto social é um mecanismo de compreensão da história e da história local, nesse sentido iremos compreender junto aos alunos o que quer dizer, o que acontece socialmente, que grupos se identificam quais as problemáticas, quais os sujeitos envolvidos. Uma das questões voltadas às produções de livros didáticos ainda apresentadas por ela relacionando a música é a carência da presença de músicas populares.

É interessante pensar na história local e sua relação com a música e diretamente com a música popular, nesse caso penso no samba e suas identidades, destaco aqui o samba de roda, o samba chula, popularmente conhecido, é objeto de pesquisa, análises e produções historiográficas. Como elemento pedagógico local, o samba de roda citado por alguns docentes nas pesquisas, tratavam dos elementos relacionados à dança, desconheço algum trabalho voltado para a análise das letras músicas, principalmente ao contexto social de suas letras, mas ao ritmo, cadência e instrumentos sim. Há algum tempo em uma instituição de trabalho local levei a Chula do João do Boi, que conheci em uma oficina de samba de roda voltada a comunidade, na chula podemos observar e analisar a presença da mulher em um lugar diretamente construído e limitado a ela, podemos apresentar aos alunos, lembrando que em questionamentos que podem suceder em relação ao machismo, lembremos que esse contexto é contemporâneo. A partir de que ponto essa narrativa pode ser analisada para o conhecimento histórico local? Ainda sobre a musicalidade no contexto histórico local lembramos de que outros grupos culturais produzem como as comunidades indígenas, de outras categorias como o RAP, o arrocha, a MPB. Os principais destaques associados pelos professores para o trabalho da história local estão ligados aos Veloso, nacionalmente conhecidos como Caetano Veloso e Maria Betânia, suas letras e ritmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou responder às inquietações acerca da história local como aporte pedagógico diante do olhar docente, e das práticas desenvolvidas em sala de aula em Santo Amaro-Bahia.

A história local tem o seu lugar no campo da educação, seja ela marcada pelo interesse de diferentes teóricos que buscam compreender as circunstâncias sociais, problematizá-las ao ponto de torná-las objeto de estudo. Para compreender as dinâmicas da história local o aporte teórico foi imprescindível, pois forneceu o subsídio necessário para entender as complexidades do local sua relação direta com o cotidiano, memória e as identidades tanto docente como discente, suas identidades são forjadas pelas dinâmicas sociais e a relação que foi se construindo dentro do campo educacional através da cultura escolar e da docência.

As entrevistas realizadas com os docentes foram imprescindíveis para responder às inquietações sobre a produção docente em relação à história local, através do desenvolvimento de sua prática que levasse a valorização da identidade individual e coletiva, ainda que acreditando que tais práticas contribuem para a autonomia do educando, ainda existem limites, que vão desde a necessidade de uma formação continuada docente, uma direção que lhes possibilitem o acesso e ao desenvolvimento de mais ferramentas metodológicas que crie condições de levar a história local com mais qualidade. Esses docentes em grande maioria já produzem matérias para apreciação e contato com a história local, porém de formas muito pontuais.

A busca por um lugar para história local no processo de escolarização despertou a atenção de vários grupos, apesar de não ser uma temática nova, ainda enfrenta grandes desafios. Esses desafios vão desde a formação docente, precarização do ambiente escolar, e incentivo para o desenvolvimento de currículo local que abrace o local como princípio para aprendizagem histórica, assim como também o despertar no aluno a consciência de sujeito histórico que atua mesmo que inconscientemente nas dinâmicas sociais.

A história local como metodologia torna o ensino de história mais próxima e mais significativa ao ponto de docentes e alunos poderem inferir sobre a realidade, sendo capaz de localiza-se no processo histórico como agente de transformações e mudanças sociais. Assim como são amplas as possibilidades de pensar o local, também são múltiplas as possibilidades do trabalho com a história local no ambiente escolar. Se fazendo necessário também instrumentalizar o docente para que esse seja capaz de mediar o conhecimento, pois não basta

só conhece cimento teórico dos fatos, mas conseguir operacionaliza-lo diante dos seus objetivos, e isso sós conseguimos através do conhecimento didático metodológico que comungue com a realidade do que estamos a propor, nesse caso a história local.

Desta forma a resposta a problemática deste trabalho de pesquisa é respondida a contento, se fazendo necessário um olhar mais atento aos currículos municipais, a instrumentalização docente e as estruturas escolares. Sim, estes docentes já deram o primeiro passo para o desenvolvimento da atividade docente mesmo que não a contento das suas necessidades.

Não pretendo esgotar essa reflexão sobre a história local como importante ferramenta para compreensão e mudanças sociais diretamente ligadas ao processo de ensino aprendizagem e atuação prática docente, pois os saberes se fazem necessários para combater a invisibilização dos sujeitos esquecidos socialmente.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, Memória e História Local. In: Revista HISTÓRIA da UEG. Porangatu, v.2, n.1, p.301-321, jan./jul. 2013.
- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. Ensinar e Aprender História. RHJ. Belo Horizonte. 2009.
- BITTECOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. Editora Cortez: São Paulo, 2009. _____. (Org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. Editora Contexto: São Paulo.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: Fundamentos e Métodos.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. “Abordagens Históricas sobre a História Escolar”. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 36, n.1, 2011.
- BITTENCOURT, Circe. “Lugares e culturas no ensino de História”. In: TRAVERSINI, Clarice et al. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas. Livro 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. (SEF). Brasília: MEC; sef,1997.
- BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº9.394. 20 DEZ.1996
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia/Secretária de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF,1997.
- BRASIL, Orientações Curriculares Para O Ensino Médio:** Conhecimentos de Ministério da Educação. BNCC – Base Nacional Comum Curricular: versão final SEE,2018.Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf. Acesso em: 16 jan. 2019
- História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. São Paulo: Cortez, 2008
- BRASIL/MEC/SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997.
- SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e Consciência histórica. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Editora FGV, 2011
- CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In.: MONTEIRO, Ana Maria e outros (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: MauadX/FAPERJ, 2007.

Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas/Ana Maria F.C. Monteiro, Arlette Medeiros Gasparello, Marcelo de Souza Magalhães, organizadores –Rio de Janeiro: Mauad Xfaperj,2007.

JENKINS, Keith. História pensada ed-contexto.2001/2005.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizagens. Campinas, SP: Papirus, 2011.

GOUBERT, Pierre. História Local. **Revista Arrabaldes** – Por Uma História Democrática. Rio de Janeiro. n. 1, maio/ago, 1988.

IMBERNÓN, F. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. História & Ensino: Londrina, 2007.FONSECA, Selva Guimarães. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação básica.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

NEVES, Joana. História Local e Construção da Identidade Social. Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan. /Dez. 1997.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, v.5, n.10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. Revista Brasileira, São Paulo, vol.9 n.19, set.1989/fev.1990

SHIMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. Ensinar História. 2º ed. São Paulo: Editora Scipione, 2010. Coleção Pensamento e Ação em Sala de aula.

SCHIMDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e desafios da formação da consciência histórica. Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Prática

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO
BRASILEIRA-UNILAB
CURSO DE HISTÓRIA –
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC
ORIENTANDA: CARLA CAROLINE S. DE SANTANA.
Profa. ORIENTADORA: Maria Cláudia Cardoso Ferreira (mariacardoso2@hotmail.com)**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (Sra.) é convidado (a) a participar da pesquisa sobre a temática: “A utilização da História Local como aporte pedagógico, um olhar sobre a prática docente em Santo-Amaro-Bahia”.

Que tem como **objetivos**:

- Compreender como se dá a relação dos docentes licenciados em história com abordagem da história local como aporte pedagógico buscando desenvolver a aprendizagem significativa.
- Levantar quais os elementos metodológicos utilizados na abordagem da história local.
- Analisar metodologias desenvolvidas pelos docentes na abordagem da história local.
- Verificar se as estratégias pedagógicas voltadas para a história local se configuram em uma estratégia de aprendizagem significativa.

Este é um estudo baseado em questionário com perguntas semiestruturadas; as respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo, a não ser que o Sr, Sra. deixe clara essa intenção. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade será assegurada, uma vez que seu nome será substituído por nomes fictícios. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **nesta** pesquisa e os resultados, divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento o Sr./Sra. pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar o seu consentimento.

Esta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário com perguntas elaboradas pelo grupo de alunos coordenados pela professora da disciplina Gestão da Escolar e do Ensino de História.

V. S.^a não terá **nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras**. **Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada à sua participação. **O benefício** relacionado à sua participação será de **augmentar o conhecimento científico** para a área da Gestão da Educação.

V. S.^a receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone/e-mail e o endereço da pesquisadora responsável podendo tirar as dúvidas sobre a pesquisa e de sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto.

Sujeito da Pesquisa (Nome completo): _____

(Assinatura)



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Lic. em História

INSTITUIÇÃO: Centro Universitário Leonardo Da Vinci

ANO DE CONCLUSÃO: 2019 ESPECIALIZAÇÃO: Não Possui

SEGMENTO QUE ATUA: Ens. Fundamental, anos finais

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Privada

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Relacionando sempre que possível o conteúdo estudado à História Regional e tempo presente.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Através de entrevistas, métodos comparativos e pesquisas regionais. Não há uma distância pois, influencias globais são perceptíveis aos alunos ao longo do tempo, ambiente e grupo social em que está inserido na maioria das vezes.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

A dificuldade, na maioria das vezes, está na valorização e reconhecimento social e ambiental do discente.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Acesso às fontes históricas e reconhecimento ambiental no contexto histórico passado e presente.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Sim, possuo alguns livros didáticos e artigos científicos sobre tais estudos adquiridos de forma autônoma, fazendo parte do meu acervo particular, porém há materiais na escola disponíveis para estudos e leitura.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Há sempre êxito no incentivo à busca pela cultura e história local, servindo de incentivo inclusive ao cumprimento dos parâmetros educacionais que auxiliam na busca pela valorização das diversas culturas e da identidade social, sendo sempre bem recebido pelos discentes que, entusiasmados participam e se empenham de forma gloriosa nas atividades, comparações, entrevistas e propostas pedagógicas apresentadas.



DADOS DA ENTREVISTADA :

NOME:

FORMAÇÃO: licenciatura em história

INSTITUIÇÃO: UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana)

ANO DE CONCLUSÃO: 2002

ESPECIALIZAÇÕES:

1- Psicopedagogia clínica e institucional

Instituição: faculdade de artes do paraná (FAP), brasil.

Ano de conclusão: 2005

2- Metodologia do ensino da história e cultura afro-brasileira

Instituição: academia de educação Montenegro, (AEM), Ibicaraí, Brasil

Ano de conclusão: 2011

3- Docência do ensino superior

Instituição: universidade cândido mendes (UCAM), rio de janeiro, brasil.

Ano de conclusão: 2017

Segmento que atua: educação básica –anos iniciais

Rede pública ou particular: pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

De forma totalmente necessária para um diálogo mais propício, mais real e substanciado, empolgante, motivador e inesquecível entre o conteúdo teórico e o prático.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Não é para existir distancia, pois a História local faz parte do emaranhado construído pela História Global. Como falar de Formação Econômica do Brasil, sem citar o Recôncavo baiano e seus canaviais, suas fábricas de cachaça destiladas suas Usinas que até hoje se perpetuam?

Sem relacionar os processos de explorações e capitâneas hereditárias. Tudo se interliga profundamente.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Provavelmente falta de estudos e investimento em capacitações

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Várias situações necessitam de amadurecimento:

Vou relatar uma experiência a qual a vida me fez passar ano passado (2018).

Na Escola Municipal a qual trabalho, recebemos a visita dos coordenadores técnicos da Secretaria de Educação Municipal, para ministrarem uma oficina, munidos de apresentações em Power point e vídeos contando a História do 13 de maio, mostrando sua importância para o Brasil e correlacionando com o Bembé do Mercado (manifestação Cultural da cidade de Santo Amaro - Bahia) que atrai turistas do mundo inteiro para beber nessa fonte justamente por contar a História de Resistência do nosso povo.

Sala preparada, material dispostos, mas **os alunos se recusaram a participarem**, muitos não se permitiram sequer a ouvir a palestra pois segundo eles: “ ISSO ERA COISA DO DIABO”. Após várias conversas, explicações sobre a importância do conhecimento da cultura, da História, poucos alunos se permitiram participar.

-----XXXX-----XXX-----

5º Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Sim, muitos. Dentre eles: O livro de Pedro Tomas Pedreira “Memória Histórico geográfica de Santo Amaro “; livros da escritora e professora Zilda Paim: “ Isto é Santo Amaro; (particular ou utilizado como material de pesquisa na Biblioteca José Silveira; Folhetos da Câmara Municipal de Vereadores de Santo Amaro, Cachoeira, São Francisco do Conde, etc. (Gratuitos), livros particulares contendo poemas e contando a História local como por exemplo da escritora Mabel Veloso, Dr.Édio Souza. Vou aprofundar mais as fontes de pesquisa e interagir com a musicalidade que tem uma presença muito forte na contação da História , a exemplo de Caetano Veloso com a música Trilhos Urbanos, Sampa; Roberto Mendes com a Chula do Recôncavo ,

que com a magia do ritmo, consegue despertar o interesse pelo estudo mais aprofundado do que vem a ser a chula, onde surgiu, como surgiu; etc

6.Caso haja uma experiência exitosa relate

#- Após trabalhar com os temas: O que é História; Fontes Históricas; Patrimônio Cultural Material e Imaterial; História da cidade de Santo Amaro/ Bahia, o corpo discente do 6º ano do Fund II da Escola Cooperativa de Santo Amaro (Instituição particular a qual trabalhava) foi levado a uma visita de campo no Museu dos Humildes, localizado ao lado do prédio da escola, o que facilitou o transporte feito a pé e sem maiores problemas. Visita guiada que facilitou total compreensão dos temas trabalhados com a vivência de cada objeto, cômodos do prédio, História das meninas órfãs que por ali passaram. Ao término do trabalho, foi observado e relatado pelos alunos, o enriquecimento do saber e a instrumentalização para o ser pensante e crítico.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História.

INSTITUIÇÃO: UEFS Universidade Estadual de Feira de Santana.

ANO DE CONCLUSÃO: 2005

ESPECIALIZAÇÃO: Filosofia

SEGMENTO QUE ATUA: Docência Ensino Fundamenta II

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Como conteúdo complementar a Base curricular já que o Município é “rico” no que diz respeito ao processo de formação da nossa sociedade, embora a falta de consciência histórica alimentado pelo poder público torne esse passado material e imaterial um elemento de mesma importância.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Se pensarmos que o município de Santo Amaro estivesse na rota do comércio e economia escrava e rotas, que uma alimentada pela Expansão Marítima e uma política colonialista dos Estados Emergentes Europeus fica difícil fazer essa relação.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

O próprio alunado em sua maioria vítima de todo um processo de abandono e omissão que tem raízes profundas e históricas. Por outro lado o imediatismo da “informação” pronta das redes, na maioria sem fundamento é vista crítica sobre os mesmos perpetuo todo um estado de ignorância.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Todos. Falta de material historiográfico políticos publicas descaso da própria população com seu patrimônio histórico falta de uma estrutura pedagógica para expandir a busca pelo conhecimento histórico além muros da escola.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Não. Nenhum (não considero o livro didático para esse fim).

6. Caso haja uma experiência exitosa relate

Nenhuma.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História.

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ANO DE CONCLUSÃO: ----- ESPECIALIZAÇÃO: Teoria e Metodologia da História /História da África.

SEGMENTO QUE ATUA: Professora Regência. Estado- Ensino Médio/ Município –Ensino Fundamental II.

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

A primeira preocupação perpassa por estabelecer relações da história local com os temas trabalhados em sala de aula. Quando isso é facilitado para ocorrer, se trará a história local numa abordagem inter-relacionada através de estudos dirigidos, análise de imagens e até mesmo documentos que possam remeter ao período estudado.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Não se é “possível” trabalhar de forma concomitante local e global. As dificuldades são amplas fortalecendo “distancias” e caminhos para se desenvolver trabalho pedagógico. Quando isso ocorrer os suportes metodológicos são complexos, nos limitando as propostas tradicionais utilizadas cotidianamente.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Não vejo dificuldade em fazer relações entre os fatos históricos. Hoje compreendo como maiores dificuldades encontrar caminhos metodológicos interessantes para os alunos que desperte motivação na busca e produção de conhecimento.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

As fontes históricas no caso específico de Santo Amaro não estão tão “fáceis” para que todos tenham acesso ao estudo e a pesquisa. E quando me refiro a essas fontes apresenta tão dificuldade de forma geral monumentos, documentos, livros, e até mesmo a própria história oral entrevistas.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Tenho dois livros que norteiam em alguns momentos o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

1. Isto é Santo Amaro.

2. Memória Histórica e Geografia de Santo Amaro.

Livros Particulares.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Nenhuma experiência exitosa.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História

INSTITUIÇÃO: FTC. Faculdade de Tecnologia e Ciências.

ANO DE CONCLUSÃO: 2008 ESPECIALIZAÇÃO: Ensino de História.

SEGMENTO QUE ATUA: Docência em História Ensino Fundamental II.

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

É contemplado com atividades com atividade e trabalhos em classe e extraclasse e através do projetos pedagógicos da escola.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Através das salas de aulas expositivas, na maioria das vezes existe sim, uma distância grande para relacionar a história local com a global.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Alguns conteúdos e recursos (fontes específicas, para relacionar os fatos.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Para mim é a saída com alunos da escola para visitação há alguns patrimônios históricos da cidade (material e imaterial), principalmente quando ocorre eventos da cultura material, o município tem uma riqueza vasta referente a essa cultura.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Na maioria das vezes que ocorre um trabalho específico do professor um projeto da unidade escolar, há material, para auxiliar, mas não suficiente, exige que faça pesquisa para que o trabalho seja pesquisado para que o trabalho seja desenvolvido de forma satisfatória, e isso é adquirido muitas vezes de forma particular.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Nenhuma.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História.

INSTITUIÇÃO: UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

ANO DE CONCLUSÃO: 2017 ESPECIALIZAÇÃO: -----

SEGMENTO QUE ATUA: No momento fora do mercado de trabalho.

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Atuava na rede pública.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Aqui no Município de Santo Amaro a história local faz parte do cronograma pedagógico com a inserção do “13 de maio”, que “casa” o processo de abolição da escravatura, com o que se torna um marco histórico mundialmente conhecido, o Bembé do mercado. Além da participação no 2 de julho e 7 de setembro.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Para alguns assuntos há uma distância, como a maioria deles dá para se fazer relações entre o que está sendo trabalhado e não só a história local como a cotidiano.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

A maior dificuldade é mostrar que todos os fatos históricos na nossa atualidade fazer com que o aluno se sinta parte integrante e agente histórico.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

A falta de matérias, estudos, pesquisas sobre a história local. É sempre uma dificuldade formar aula com qualquer de atividade nesse sentido.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Não.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Não houve respostas.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História.

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Feira de Santana.

ANO DE CONCLUSÃO: 2003.2 ESPECIALIZAÇÃO: Especialista em História Social e Cultura Afro Brasileira. Anos Finais (Fund II e médios).

SEGMENTO QUE ATUA: Rede pública e particular.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Na literatura Pauloferiana sempre encontramos informações eu atacam a necessidade de inserir o aluno em sua realidade. Segundo ele para um processo de aprendizagem obter sucesso, o estudante precisa se ver ai a partir do seu contexto. Dentro do estudo da história não seria diferente! A partir disso vejo o uso da história local como mais uma ferramenta dentro deste processo sim. Torna-se um aporte tão necessário quanto o alcance histórico. Em nossa região de Santo Amaro, por exemplo, não cabe falar do processo de independência sem refletir o 14 de junho e sua ata de vereação.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Dentro da academia, pelo menos na minha época de (1999-2003), sentíamos uma grande dificuldade em fazer essa ligação deixando sim a distância entre ambos. Hoje consigo associá-las de maneira mais tranquila embora haja algumas barreiras para tal. Como muitas vezes o “conteúdo” ainda é trazido por livros que é, dentro da educação brasileira, o grande norteador do conteúdo, esse material ainda nos é apresentado de maneira engessada. Portanto devemos além e buscar alternativas que nos levem a relacionar a história local e a história global.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Na verdade são dificuldades! Tanto em reação a escassez de material didático regionalizado que sei que será sempre uma barreira haja vista que as editoras teriam que investir em um outro modelo de pesquisa, como também em relação a pratica desse método. Para que a relação flua com responsabilidade é necessário um trabalho maior dentro de uma carga horaria pequena. O professor que se dispõe a utilizar desde aporte tem que ser constante pesquisado da sua realidade e a da realidade do seu alunado. Então muitas vezes é simples e tão comum embora seja fundamental.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Acho que falei demais na questão anterior (rsrrs). Além do que relatei lá vejo a própria escassez de material sobre a história local a depender da região. Ou talvez seja a escassez em e sim a dificuldade de aceso. Aqui em Santo Amaro temos algumas obras que falam da história local existe também um centro de referência de Santo Amaro que pode ajudar nesta busca, mas mesmo assim vejo o material de acesso.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Geralmente faço uso dos textos de Zilda Paim, memorialista Santo-amarense, e do pesquisador Pedro Tomas Pedreira. Essa é uma iniciativa privada! Nossas instituições de ensino não estão acostumadas ao constante uso da história local como aporte pedagógico então para conseguirmos fazer essa pratica para nossa realidade de maneira mais habitual, nós é que buscamos de maneira particular esse material.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Percebo que há êxito sempre que conseguimos, de maneira fundamentada, promover a relação entre a história local e história geral. O aluno fixa mais o material estudado! A própria questão da independência que citei na 1º questão. As turmas que leciono já identificam bem as datas

comemorativas da nossa cidade que são 13 de março (emancipação política) e o 14 de junho (Ata de vereação) e essa última como elemento marcante no processo emancipatório do país. Também conseguem perceber através de grupos que redigiram tal documentos na Casa de Câmara e Cadeias loca, o caráter realista do movimento emancipacionista que de nada tem a ver com o eu a historiografia tradicional insistiu em mostrar durante décadas.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura e Bacharel em História.

Licenciada em Pedagogia.

INSTITUIÇÃO: Universidade Católica do Salvador.

ANO DE CONCLUSÃO ESPECIALIZAÇÃO: Mestra em Educação e contemporaneidade – Uneb. 2014.

SEGMENTO QUE ATUA: Atualmente atuo no Ensino Fundamental II.

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

No momento em que atuei como articuladora na área de História e História da cultura Africana e Indígena, junto a secretaria de educação de Santo Amaro, busquei atender o que reza o regimento da educação do Município, no tocante a respeito da parte diversificada do currículo, justamente o que trata da história local e regional. Desta forma, foi inserido na grade curricular do município o estudo de datas e manifestações culturais de grande relevância para Santo Amaro, como o Bembé do mercado, a diferença entre datas magnas para a cidade como o 13 de março o 14 de junho sempre de uma forma contextual para evidenciar a relação entre Santo Amaro e outras regiões que formam a economia e a sociedade da época.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Quando não contextualizado, há sim uma distância entre local e global. O que faz essa distância e abismos serem minimizados é, justamente o contexto. Não é possível falar sobre a formação da cidade de Santo Amaro, sem tratarmos da história antiga na Europa e na África, perpassando também pelos povos da Ásia. Basta realizamos leituras como Alberto Da Costa

e Silva, dentre outros e teremos elementos teóricos que irão na auxiliar na composição do contexto.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Se formos leitores e encontramos as fontes devidas, não haverá dificuldade em conhecer. Nossa atenção neste caso, volta-se à metodologia, ela será um diferencial na hora de auxiliarmos nossos estudantes em um aprendizado macro.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

As fontes, sobretudo a bibliografia a falta de registros e, infelizmente, o preconceito da sociedade que, por concepções religiosas e ideológicas opressoras, entendem que tudo o que vem do negro é maldição. Ainda sobre esta questão a uma necessidade e dialogo mais consistente entre as representações da cultura e educação.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Há textos escritos por mim, sobre o Bembé do mercado, sobre a diferença entre o 13 de março e o 14 de junho, por exemplo. Haviam planos para desenvolvimento de material didático sobre a história local com a Fundação Palmares, mas, até onde sei, não houve avanços. A própria Fundação Palmares disponibilizou um livro denominado ‘O que você sabe sobre a África?’ Ele foi criado pelos professores da rede, revisto mas até então, não avançamos com esse material aqui.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Há uma experiência. Desenvolvi um material sobre o Bembé do mercado e levei para as escolas do Município. Neste material, abordei o período da escravidão, pedido de proibição do tráfico, cheguei até o fim da escravidão e desembarquei no Bembé dentro do mercado de Santo Amaro e sua representação na atualidade. Trabalhei com aula expositiva, vídeo, imagens e linha do tempo. Essa discussão foi feita também com estudantes da EJA com os quais pensei que encontraria mais resistência mas foi muito bom e proveitoso este trabalho.

Somente um estudante se manifestou contra, porém de forma silenciosa abriu a bíblia em minha frente e começou a ler. Depois pediu para se retirar.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Tecnologia e Ciências

ANO DE CONCLUSÃO: 12/09/2012 ESPECIALIZAÇÃO: Ensino de História

SEGMENTO QUE ATUA: Anos finais

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

O professor precisa de instrumentos para promover o ensino da história da sua localidade. • Para tanto, é necessário que se produza material de qualidade, por profissionais habilitados sobre o assunto Jornais e revistas de época. Arquivos públicos ou particulares Em associações através do depoimento de pessoas mais velhas que testemunharam fato, e mudança ocorridas em períodos anteriores em livros como memórias, biografias, genealogias.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

A História Local é uma corrente da História que se dedica a estudar o local ou regional, como forma de interligar a história local para estabelece relações com a história nacional ou global e identificar singularidades. São estas singularidades que criam a identidade regional a história local é um exercício de memória e preservação que contribui para o desenvolvimento da comunidade. Compreender as mudanças e transformação.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Ensinar história tem sido um desafio e preocupação para todo o professor de história. De um lado há queixas por parte dos professores que alegam falta de interesse e de motivação dos alunos para aprenderem os conteúdos de História. Do outro lado os alunos reclamam que História é uma matéria chata e que não querem estudar o passado e “nem quem já morreu”. Vê-se então que ensinar história torna-se um desafio cada vez maior, uma vez que esta é uma disciplina que exige domínio de leitura e o aluno não desenvolvendo essa competência.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Torna-se impossível a compreensão de um contexto número alarmante de escolas e professores de História se deparam com uma realidade não muito plausível de que grande parte dos alunos e também professores não conheçam a história de sua comunidade de seu município ou seu estado, prendendo-se apenas a História Nacional desvinculada da sua realidade local e de seu contexto histórico local. Esse problema surge desde as primeiras séries do ensino fundamental e permeiam quase toda vida escolar dos alunos, causando o desinteresse dos discentes pela História e por outras disciplinas que eles não consideram importantes justamente pelo fato dos estudantes não se sentirem inseridos nessa História ou no processo histórico a qual essa História se constrói-o histórico de forma significativa .E o professor que trabalha em dois ou três município a cada troca de prefeito fica difícil conhecer a historicidade deste município.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Nos primeiros tempos do ensino de história aqui no Brasil, fazia-se uma cópia e uma reprodução do que se tratava na Europa, principalmente na França. Era um modelo que apenas reproduzia os heróis europeus e suas conquistas, apresentava a sociedade europeia como uma sociedade a ser copiada, valorizando sua cultura, sua História, seus rituais, sua “civilidade”, falar em eurocentrismo nos traz uma redundância, já que o único objeto de estudo da disciplina eram os feitos dos nossos conquistadores. Enquanto isso, alguns pesquisadores aqui se lançavam a pesquisar dados, principalmente geográficos do Brasil, já que antes da chegada dos portugueses era como se não existisse uma história passível de ser contada. Neste sentido não podemos

deixar de destacar as contribuições de Von Martius e Varnhagen, que produziram alguns dos registros importantes e que embasaram todos os principais autores da época. Não podemos deixar de destacar já neste primeiro momento de produções as questões políticas postas para elencar estas produções, neste caso o papel coube ao IHGB, que tinha intuito de contar uma História do Brasil na que enaltecesse num primeiro momento os monarcas bragantinos, seus feitos, sua família, sua nobreza, desprezando os povos nativos, relegando-os ao exotismo de um país de natureza rica da qual faziam parte, mas nunca como elementos centrais das narrativas. Para rompermos com essa estrutura alienante é necessário que nós educadores possamos estar rompendo com essa reprodução de conhecimentos e passando a produzir na escola, valorando a realidade e as vivências deste nosso aluno, dos seus antepassados, de sua história de vida. Nas escolas não existe matéria didático, temos que produzir, e existe uma questão muito grave os alunos não gostam da cultura local, menosprezam por não existe interesse em aprender.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Na atual escola que estou atuando a direção da instituição está desenvolvendo um projeto; Por que mim envergonho da história local e adoto a cultura de outro município? Com objetivo do resgate da historicidade local.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: **Licenciatura Plena em História**

INSTITUIÇÃO: **Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC**

ANO DE CONCLUSÃO: **2008.** ESPECIALIZAÇÃO: **História da África, da Cultura Negra e do negro no Brasil.**

SEGMENTO QUE ATUA: **Ensino Fundamental II**

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: **Pública**

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Trabalhando temas que contemplem a realidade vivida por cada aluno dentro da sua localidade, a história local se torna uma facilitadora no processo ensino aprendizagem justamente por isto, ela me possibilita lidar, juntamente com meus alunos, com o fator social em uma dinâmica própria. O aluno se torna um agente ativo neste processo, ele participa, ele vivencia a história. Ademais a valorização das fontes orais, do conhecimento que vai passando de uma geração para a outra também é de fundamental importância.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Dois fatores facilitam muito: primeiro é a própria relação que a nossa região tem com a formação política e econômica do país, segundo é o fato de vivermos na era da velocidade da informação onde nada está totalmente isolado do resto do mundo. Posso dar um exemplo claro disto, se formos trabalhar interdisciplinarmente e resolvo introduzir o tema Meio Ambiente em minha aula de História. Eu posso falar dos impactos ambientais causados pela produção de cana de açúcar e a partir disto tenho várias vertentes para prosseguir com minha discussão estabelecendo uma relação espaço e tempo que vai compreender muito bem elementos da história local e história global. Não há distância, tudo é uma questão de abordagem.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Muitas vezes o senso comum nos leva a pensar que determinado fato não tem uma relação com os conteúdos programáticos estabelecidos, acredito que as dificuldades estão aí nos conteúdos engessados. Eu, enquanto professor, não tenho dificuldade para fazer esta relação.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

O currículo é a maior dificuldade. Há certa tendência em priorizar os conteúdos tradicionais e também a questão de material didático, da rotina escolar estabelecer um sequencia didática onde o professor prepara um conteúdo com base no livro didático impresso no sul do país o qual não prioriza nossa história local. As vezes o próprio aluno está acostumado a isto e mudar requer também uma mudança de postura também da escola, do currículo...

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Eu tenho atuado como professor em dois municípios: Santo Amaro, onde atuo atualmente, e São Francisco do Conde, onde atuei até há dois anos. Nos dois casos há sim uma oferta de materiais, mas em ambos foi preciso um esforço pessoal para ter acesso. Em São Francisco do Conde existe o trabalho do professor José Jorge do Espírito Santo em especial seu livro *Resgate de uma riqueza cultural*.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Entre os anos de 2013 e 2016 lecionei as disciplinas História Geral e História Social no (XXXXXXXXX). No ano 2015 resolvemos fazer aulas de campo levando os alunos ambientes da cidade os quais eles conheciam mas não tinham percepção de o quanto aqueles espaços são importantes não só para a história da cidade mas também para a história do Brasil.

**DADOS DO ENTREVISTADO (A)****NOME:****FORMAÇÃO:** Licenciatura Plena em História**INSTITUIÇÃO:** Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC**ANO DE CONCLUSÃO:** 2010 **ESPECIALIZAÇÃO:** História e Cultura Afro Brasileira Educação.**SEGMENTO QUE ATUA:** Ensino Fundamental II**REDE PÚBLICA OU PARTICULAR:** Pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Tendo sempre algo da realidade local para as aulas a fim de dá significado nosso momento histórico antes e durante a construção da sociedade.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Geralmente faço um paralelo entre os assuntos dados com a realidade do aluno, sempre mostrando para eles que a história é subjetiva e que há reflexões do nosso passado para a construção da nossa história hoje, sendo sempre modificada conforme a necessidade do ser humano para a sua evolução assim como a adesão dos aparatos tecnológicos em nosso meio sociocultural. Sim, há um distanciamento muito grande, pois falta documentos acessíveis a todos para o estudo, assim como uma biblioteca digital e física que retrate a história local.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos.

As dificuldades como disse anteriormente são a falta de documentos históricos sobre a cidade, um amadurecimento dos alunos para a evolução das aulas discursivamente, recursos disponíveis nas escolas físicos e digitais, aprimoramento da leitura interpretativa do corpo discente.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Muito difícil encontrar materiais, só relatos dos moradores mais velhos, ou alguns fatos históricos na internet sem aprofundamentos.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Só relatos dos moradores mais velhos, ou alguns fatos históricos na internet sem aprofundamentos.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Há uns 5 anos atrás fiz trabalho sobre Patrimônio Material e Imaterial da cidade de Santo Amaro em uma unidade de ensino particular que trabalhei com um grupo de alunos do 6º e do 9º ano do fundamental. Infelizmente na biblioteca Nicsa da cidade só tinha três livros Isto é da historiadora Zilda Paim cidadã Santomarense, porém não serviu para a atividade. Fui para internet e achei algumas informações, também levei os meninos ao lado do Hospital Otávio Pedreira da cidade para visitar e conhecer a nossa História a partir da fala do professor Raimundo Artur, sua catalogação de acervos e artefatos. Fizemos visitas na Igreja Matriz da Purificação e na do Rosário, a casa do samba, Teatro Dona Canô, o Bembé do Mercado com a explicação dom pai de Santo Roque entre outras oficinas em sala sobre o Samba de Roda, Capoeira, culinária. Os alunos se envolveram bastante na culminância confeccionamos um painel com fotografias dos patrimônios materiais e imateriais da cidade e apresentamos a música Marinho só. Em fim precisamos criar parcerias com a secretaria de educação e unidades escolares públicas e privadas para fomentar o reconhecimento da nossa cultura local para as gerações futuras como estabelece a lei 10.639/03 e a 11.645/08 e outros aparatos com a BNCC.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História; Bacharelado em Direito

INSTITUIÇÃO: FTC, UNEB

ANO DE CONCLUSÃO: 2008; 2018.1 ESPECIALIZAÇÃO: História da África, Gestão Escolar.

SEGMENTO QUE ATUA: Ens. Fundamental, anos finais

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

A histórica local no currículo escolar da rede é pontual, destacando acontecimentos e datas consideradas importantes no cenário local, principalmente ligadas à questão religiosa afro-brasileira e católica. Geralmente, estas datas são discutidas em sala de aula pelo professor, às vezes inclusive com atividades práticas, como por exemplo produção de vídeo e visita a espaços públicos e Patrimônio local.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Geralmente o acontecimento é contextualizado de forma discursivas, com o cenário brasileiro e global da época em questão; ainda é prática relacionar os temas através de filmes, imagens e textos.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos.

Falta de material pedagógico (didático, paradidático); falta de formação inicial e continuada; carência de recursos; alguns profissionais atuam no Ensino de História sem formação na área de História e /ou Ciências Humanas.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Primeiro o Currículo Escolar.

Formação Continuada.

Recursos didáticos- pedagógico.

Apoio para realização de trabalho de campo.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

No centro de referência de Santo Amaro, é possível encontrar alguns dados, materiais antigos (livros) qual é possível a pesquisam (Não empréstimo). Material didático sobre a história local não sei informar. Na sede. Não foi ofertada o material didático.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Descobrimo a história local, executada na turma do 6º ano da(XXXXXXX), em 2011, onde os alunos, pesquisaram imagens do Patrimônio Cultura Local e montamos painel imagético, além de produção de texto com as informações coletadas. Por se tratar de um projeto, com execução em uma unidade letiva (I Unidade), onde trabalhamos as questões referentes às fontes históricas, periodização e outros referentes.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História com concentração em Patrimônio cultural

INSTITUIÇÃO: Universidade Católica de Salvador-UCSAL

ANO DE CONCLUSÃO: 2011 ESPECIALIZAÇÃO: História Do Brasil (em andamento)

SEGMENTO QUE ATUA: Docente

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública (no momento fora de as de aula)

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

É importante sempre trazer para sala de aula questões sociais, históricas e culturais do local onde a escola se situa...seja bairro, distrito ou sede. Foi o que procurei fazer com os alunos situados no Distrito de Acupe.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Se o professor fizer a relação entre a história local e global ou secular se resume a distância geográfica apenas. Pois com certeza dá para fazer esse paralelo a história basicamente é desenvolvida por motivos políticos e sócias e isso não tem como fugir de uma relação entre uma época e outra.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Sinceramente, eu não vejo dificuldades, pois já faço esse tipo de trabalho e dá certo.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Sinceramente, eu não vejo dificuldades, pois já faço esse tipo de trabalho e dá certo.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

Todo trabalho didático coletado através da internet, ou de filmes, documentários... e aula de campo, com visita a lugares ligados aos temas estudados. Adquirido sempre em ordem particular

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Sim, tive uma experiência exitosa, quando trabalhei história do Brasil fazendo um paralelo atual e político social com os alunos do (XXXXX) distrito da cidade de Santo Amaro, na sua maioria filhos de pais cortadores de cana. Um trabalho que durou todo o ano letivo, onde trabalhamos direito do trabalho, direitos sociais, realidade social, isso tudo voltado para o conteúdo programático da instituição, tive um retorno vindo dos alunos espetacular. Onde a comunidade foi envolvida no trabalho.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura plena em história

INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia

ANO DE CONCLUSÃO: 2011

ESPECIALIZAÇÃO: Ensino de Sociologia

SEGMENTO QUE ATUA: Ensino Médio

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Particular

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Penso que a história local é ponto de partida para a compreensão do saber histórico, no que diz respeito a compreensão do fazer história e da identificação do aluno como sujeito histórico.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

A história local se insere e faz parte da história global, porém compreendendo as particularidades de cada lugar, crença, religião e/ou cultura que forma esse “mosaico” que denominamos como história global.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Talvez a contextualização de determinados fatos, que são acontecimentos pontuais, com data e local, tendo que se levar em conta todo o processo, muitas vezes torna-se muito abstrato, o que dificulta as vezes a compreensão por parte do aluno.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Não tenho dificuldade para trabalhar com a história local. Muito pelo contrário, a história local nos dá amplas possibilidades para se pensar a história, além de aproximar o estudante e de inseri-lo como sujeito do processo histórico.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação?

Livros acadêmicos, o próprio livro didático, a depender do autor, traz essa perspectiva de trabalho em sala de aula.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate

Amei realizar um trabalho relacionando a memória e as fontes orais sobre as manifestações culturais locais. Esse tipo de trabalho nos possibilita desenvolver o estudo e a compreensão de diferentes históricas, além de se pensar a importância de se pesquisar a história local.

**DADOS DO ENTREVISTADO (A)**

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História

INSTITUIÇÃO: Faculdade Jorge Amado

ANO DE CONCLUSÃO: 2007

ESPECIALIZAÇÃO: Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

SEGMENTO QUE ATUA: REDE PÚBLICA

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Trabalhando, educando, educador e a sociedade, levando a compreender o meio em que vive, a sua história, memória e ancestralidade.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Elas estão relacionadas, porém a história local traz como característica a diversidade e construção de identidade.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Levar os alunos a compreender que são sujeitos históricos, que seus ancestrais contribuíram para construção da sua identidade e trazer fatos do cotidiano para que eles percebam que a história também é deles.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Trabalho com a história local desde 2005, e a minha maior dificuldade é encontrar material didático para trabalhar em sala de aula.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação?

Sim. Alguns livros didáticos, ex: A África Está em Nós, filmes, documentários.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate

Venho desenvolvendo projetos, ciclo de palestras, aulas de campo.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: • Licenciatura Plena em Pedagogia com Ênfase em Gestão Escolar.

- Pós-Graduação /Especialização Lato-sensu em Gestão Escolar com ênfase em Coordenação Pedagógica.
- Licenciatura em História.
- Pós-Graduação / História e Cultura Afro-Brasileira.

INSTITUIÇÃO: FAC- Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias.

- UNESI/Unidade Nacional de Ensino Superior Integrado.
- UNIASSELVI / Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

ANO DE CONCLUSÃO: • Pedagogia, (2005);

- Pós em Pedagogia, (2007);
- História, (2015);
- Pós em História, (2016).

ESPECIALIZAÇÃO: Licenciatura e Pós-Graduação.

SEGMENTO QUE ATUA: No momento não estou em sala de aula.

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Não estou vinculado à rede empregatícia educativa.

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Observa-se que em grande parte é criticada por ser uma história “menor”, de interesse restrito e limitado, mais que aos poucos vem sendo congregada e acolhida no fazer da história. Através de análise e acontecimentos têmporo-espaical, a história local ressurgue com uma abordagem renovada, que proporciona no sujeito atuante reflexivo de conhecimento a existência de uma multiplicidade simultânea as próprias relações culturais que às vezes, perdidas no tempo e na

memória e, a mesma revitaliza-se com uma abordagem reconstruída de revisão na historiografia.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Vale salientar, que os modelos tradicionais produzem uma história onde o indivíduo comum não é considerado um ser histórico, onde ele não participa da história. Para a História local, todo homem é sujeito atuante na história, pois permite uma compreensão maior em torno do passado perto do seu espaço social (escola, bairro, cidade e outros) com atuações significativas há história do presente. Já a História Global, são fatos e acontecimentos de interconexões globais, que possibilita visão de mundo as nações vinculadas e inseridas no espaço geográfico globalizado.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Percebe-se que é o recortar do fazer histórico, pois o mesmo permite o esgotamento das fontes disponíveis de conhecimentos e a veracidade dos fatos; vivenciadas pelos diversos grupos humanos que nela se inserem.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Falta de procedimento e inovação metodológica, que promova no sujeito à aproximação da memória histórica a vivências concretas. Pois temas locais de história inseridos no Currículo Escolar colocam o aluno frente a fatos próximos de sua realidade, assim, aguçando curiosidade de consciência pertencente e inclusão social no gerir de conhecimento crítico/reflexivo e cidadão atuante.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação? É ofertado pela instituição ou foi adquirido em ordem particular?

É necessário que o sujeito atuante esteja se instrumentalizando e revitalizando suas erudições cognitivas e habilidades instrumentais através de pesquisas didáticas, referências bibliográficas e outros mecanismos pedagógicos auxiliares na teoria/prática educativa.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

No momento não tenho experiência exitosa, não estou em sala de aula.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura Plena em História

INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus V

ANO DE CONCLUSÃO: 2007

ESPECIALIZAÇÃO: Arte e Patrimônio Cultural – Faculdade São Bento Bahia

SEGMENTO QUE ATUA: Ensino Médio

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede Pública

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Tento sempre correlacionar os conteúdos das aulas com a realidade dos alunos. Ex: Os alunos conhecerem sobre a realidade do local onde moram, a história da cidade, do bairro. Se enxergarem como sujeitos históricos.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Ambas se complementam, embora haja um distanciamento nos conteúdos já pré-estabelecidos e pelo material didático.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Algumas, como um certo distanciamento entre os assuntos. A história local em muitos casos utiliza-se da metodologia da história oral, que infelizmente ainda existe muita resistência em relação ao seu uso, muitos historiadores não a consideram como uma fonte histórica confiável.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Material didático distante da realidade local. Muitos livros não abordam a história dos lugares aos quais os livros são utilizados. Ex: História da Bahia, Indígena, Negra. Outra dificuldade

encontrada é a resistência dos coordenadores pedagógicos, que querem um plano de aula “engessado”, aulas conteudistas.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação?

Não. E quando o assunto aparece em um livro é bem superficial.

6. Caso haja uma experiência exitosa relate.

Experiência com a educação patrimonial, onde fiz visitas guiadas em determinados pontos históricos de Santo Amaro, fazendo uma abordagem histórica, econômica e cultural da cidade. Identificando também os patrimônios materiais e imateriais, lugares de memória e memória afetiva.



DADOS DO ENTREVISTADO (A)

NOME:

FORMAÇÃO: Licenciatura em História

INSTITUIÇÃO: UFRB

ANO DE CONCLUSÃO: 2011

ESPECIALIZAÇÃO: Mestranda em história da África

SEGMENTO QUE ATUA: Ensino Médio

REDE PÚBLICA OU PARTICULAR: Rede pública e particular

1. De que forma contempla a história local como aporte pedagógico?

Em todos os momentos possíveis, mesmo que não esteja programado, durante a aula sempre aparece a oportunidade de fazer uma relação, pois é impossível trabalhar História sem introduzir a realidade em que os alunos estão inseridos.

2. Como relaciona a história local e a história global? Há uma distância?

Não existe história local sem a global, existe uma relação grande. Os aspectos que acontecem de modo global, interfere na realidade local. Claro que existem os aspectos que geram as identidades locais, mas mesmo assim, existe a comunicação entre o global e o local.

3. Quais as dificuldades encontradas no processo em relacionar os fatos?

Encontrar as fontes históricas e os documentos. Ainda precisamos avançar no desenvolvimento das pesquisas e na forma que esses conhecimentos sejam construídos com a comunidade escolar.

4. Quais as dificuldades encontradas para o trabalho com a história local?

Material didático, pois com as demandas, torna-se bastante complexo a elaboração.

5. Há algum material didático que auxilie? Qual? Tem dado sobre sua formulação?

Livros de Memórias de Zilda Paim

6º Caso haja uma experiência exitosa relate

- ☐ Projeto sobre o bembé do mercado: recriação de alguns aspectos que correspondem ao
- Barracão e representação através de fotografias;
 - Projeto sobre as manifestações culturais de Santo Amaro: seminário e salas temáticas;
 - Visita a praça, prefeitura, casa de câmara e cadeia...um passeio histórico sobre a cidade;
 - Visita o centro referencial de Santo Amaro